

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ REITORIA DE PESQUISA E PÓS- GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

AUTOPOIESE FEMININA DE EMPREENDEDORAS CRIATIVAS DO
SEGMENTO DO ARTESANATO EM PARINTINS/AM.

Bolsista: Alline da Silva Prestes, FAPEAM

PARINTINS
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO REITORIA DE PESQUISA E PÓS- GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL
PIB-SA/0081/2016
AUTOPOIESE FEMININA DE EMPREENDEDORAS CRIATIVAS DO
SEGMENTO DO ARTESANATO EM PARINTINS/AM.

Bolsista: Alline da Silva Prestes, FAPEAM
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sandra Helena da Silva

PARINTINS
2017

TODOS OS DIREITOS DESTE RELATÓRIO SÃO RESERVADOS À UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS, AO NÚCLEO DE ETNOECOLOGIA NA AMAZÔNIA BRASILEIRA E AOS SEUS AUTORES. PARTE DESTE RELATÓRIO SÓ PODERÁ SER REPRODUZIDA PARA FINS ACADÊMICOS OU CIENTÍFICOS.

ESTA PESQUISA, FINANCIADA PELA FUNDAÇÃO DE AMPARO A PESQUISA DO ESTADO DO AMAZONAS- FAPEAM, ATRAVÉS DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA- PIBIC DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS, FOI DESENVOLVIDA PELO NÚCLEO DE ETNOECOLOGIA NA AMAZÔNIA BRASILEIRA E SE CARACTERIZA COMO SUBPROJETO DO PROJETO DE PESQUISA, BIBLIOTECAS DIGITAIS.

Nas ribeiras do meu amazonas
Vive uma meiga Cabocla
Emoldurando a arte perfeita
Que se faz com amor (...)

Artesã de utensílios caboclos
Que enfeitam casebres (...)
Mãos abençoadas surgem belos bordados [...]

**(CABOCLA TECELÃ
Toada do Boi-Bumbá Garantido, 2010)**
Composição: Márcio Azevedo e Pedro Azevedo

Nesse Manto verde
Nesse manto verde
Onde belas borboletas beijam
O néctar das orquídeas e flores
Sementes da vida se despedem da floresta
Polidas transformam-se em joias caboclas [...]

Palhas, cipós, fibras de arumã são trançadas
Tecidas viram cestarias
Em madeiras entalhadas
Retratam paisagens harmônicas
É o caboclo esculpindo a vida
Na Amazônia jarina é marfim,
Pérola negra é o meu açaí
Com molongó, tento e pucá,
tem tucumã e caroço de inajá [...]

**(DA FLORESTA PRA VOCÊ
Toada do Boi-Bumbá Caprichoso, 2008)**
Composição: Adriano Aguiar e Geovane Bastos

RESUMO

Esse projeto de pesquisa tem como objetivo analisar as estratégias de mulheres empreendedoras do ramo do artesanato no município de Parintins/AM para a conservação sustentável de sua vida – de sua autopoiese. Conceitos atuais são propostos nessa pesquisa, como a autopoiese, o empreendedorismo criativo e a sustentabilidade, tornando-a relevante acadêmica e socialmente. Como estratégia metodológica essa pesquisa teve como base epistemológica o paradigma dialético da complexidade sistêmica, proposto por Edgar Morin. Como delineamento foi utilizado o estudo de múltiplos casos, visto abordarmos uma variedade de sujeitos, mulheres empreendedoras como realidades distintas tanto no aspecto produtivo como relacional. Foram realizadas entrevistas, a partir de um roteiro de perguntas, às mulheres empreendedoras, que tenham como base a criatividade e a valorização da cultura amazônica na produção de sua arte. Foi utilizada a observação sistemática da organização do trabalho e imagens fotográficas sobre os produtos, as ações produtivas e a comercialização. A revisão de literatura tendo como categorias de análise centrais, a autopoiese, empreendedorismo, sustentabilidade, mulheres, foi desenvolvida durante todo percurso da pesquisa, sendo ela fundamental para compreensão do fenômeno estudado. Os dados coletados foram analisados tanto na abordagem quantitativa como qualitativa. No desenvolver dos resultados, a partir dos pensamentos proferidos pelas mulheres em conjunto aos aportes teóricos, houve o levantamento de dados referentes às políticas públicas do Estado para o empreendedorismo criativo e sua alcance às empreendedoras mulheres na cidade de Parintins, a descrição e compreensão da cadeia produtiva no qual estas desenvolvem seus produtos as estratégias cotidianas para a manutenção de seus viveres. A pesquisa revela a fragilidade na viabilização das políticas públicas às artesãs, bem como dificuldades na obtenção de matérias-primas, logística, armazenamento destes insumos, a sazonalidade de vendas impactando na renda familiar e em seu estado de saúde. Frente a estas incoerências, estas empreendedoras desenvolvem estratégias para conservação de sua autopoiese diariamente, no âmbito das inter-relações no ambiente, mantidas entre o ser mulher, mãe e artesã.

Palavras Chave: Autopoiese - Empreendedorismo – Economia Criativa

ABSTRACT

That research project has as objective analyzes the entrepreneur women's of the branch of the craft strategies in the municipal district of Parintins/AM for the maintainable conservation of his/her autopoiese. Current concepts are proposed in that research, as the autopoiese, the creative enterprising and the sustainability, turning her relevant academic and socially. As methodological strategy that research will have as base epistemology the paradigm dialectics of the systemic complexity, proposed by Edgar Morin. As delineate will be used the study of multiple cases, visa approach a variety of subjects, enterprising women as different realities so much in the productive aspect as relational. Conduct interviewed starting from an itinerary of questions enterprising women, that you/they have as base the creativity and the valorization of the Amazonian culture in the production of his/her art. They are still used systematic observation of the organization of work and photographic images about the products, the productive actions and the commercialization. The literature revision tends as central analysis categories, the autopoiese, enterpris, sustainability, women, it was developed during every course of the research, being her fundamental for understanding of the studied phenomenon. The collected data were analyzed so much in the quantitative approach as qualitative. In developing of the results, starting from the thought uttered by the women together to the theoretical contributions, there was the rising of data regarding the public politics of the State for the creative enterprises and his/her reach to the entrepreneurs women in the city of Parintins, the description and understanding of the productive chain in which these develop their products the daily strategies for the maintenance of yours live. The research reveals the fragility in the to make possible of the public politics to the artisans, as well as difficulties in the obtaining of raw materials, logistics, storage of these inputs, the seasonal variation of sales impact in the family income, health. Front the these incoherences, these enterprising ones develop strategies daily for conservation of his/her autopoiese, in the extent of the interrelations in the atmosphere, maintained among the being woman, mother and artisan.

Words Key: Autopoiese – Entrepreneurship - Creative Economy

LISTA DE ABREVIACÕES

AFEAM – Agência de Fomento do estado do Amazonas

AMIC - Amazonas Indígena Criativa

CMA – Conselho Mundial do Artesanato

ENDEAVUR – Empreendedorismo para Empreendedores

FIRJAN – Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)

MDIC – Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio.

MINC – Ministério da Cultura

OMS – Organização Mundial de Saúde.

SEBRAE – Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SEC – Secretaria da Economia Criativa

SECTUR – Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Meio Ambiente

SETRAB – Secretaria de Estado e Trabalho do Amazonas

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a educação.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Modelo de Organização das Categorias e Segmentos Criativos

Figura 02 - Quadro de Sistematização de algumas categorias artesanais

Figura 03 - Dinâmica de Organização e Funcionamento de elos da Economia Criativa

Figura 04 - Dinâmica de Organização e Funcionamento da Cadeia Produtiva

Figura 05 - Representação de artesanatos produzidos pelas mulheres empreendedoras

Figura 06 - Representação de produções artesanais de mulheres.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. DESENVOLVIMENTO	11
2.1 POLÍTICAS PÚBLICAS: DISCORRENDO CONCEITOS.....	11
2.1.1 Políticas públicas no Amazonas: empreendedorismo em foco	12
2.1.2 Políticas públicas de fomento ao empreendedorismo criativo no Amazonas: valorização cultural e econômica do ramo artesanal	16
2.1.3 Políticas públicas de Fomento ao Empreendedorismo Criativo Feminino no Município de Parintins.	21
2.2 ARTESANATO E SUAS RELAÇÕES: DISCUSSÕES CONCEITUAIS.....	24
2.2.1 Artesão e Artesanato: Características e Tipologias	27
2.2.2 Cadeia Produtiva do Artesanato	30
2.2.3 Organização produtiva das empreendedoras criativas, do ramo do artesanato, em Parintins.	34
2.3 AUTOPOIESE: O CICLO SISTÊMICO DA VIDA	44
2.3.1 <i>Autopoiese</i> das artesãs empreendedoras no município de Parintins	48
3. CONCLUSÕES OU RECOMENDAÇÕES	58
4. REFERÊNCIAS	60
5. AGRADECIMENTOS.....	65

1. INTRODUÇÃO

Parintins – Amazonas, apesar de seu reconhecimento nacional e internacional quanto à arte e criatividade de seu povo, apresenta escassas e frágeis políticas públicas promotoras do empreendedorismo criativo. Exigindo das mulheres empreendedoras estratégias diversas para manutenção de suas organizações produtivas, nem sempre adequadas para a conservação de sua autopoiese de forma sustentável.

É nesse cenário da economia criativa com um olhar voltado as mulheres empreendedoras de Parintins/AM que pretendemos desenvolver essa pesquisa, procurando compreender: como as mulheres empreendedoras criativas do ramo do artesanato tem atuado para conservar sua autopoiese em um mercado altamente competitivo e de mínimos sociais?

Entendemos essa pesquisa de suma relevância acadêmica, social, econômica e ambientalmente, visto trazer a associação de novos conceitos como a autopoiese, a economia criativa e mulheres empreendedoras. Contribuindo para a construção do conhecimento nesse novo século e para novas proposituras que possam incentivar um novo olhar para a elaboração de políticas públicas de fomento para a economia criativa.

O presente relatório tem como proposta descrever as atividades realizadas no projeto de pesquisa, titulado: “Autopoiese feminina de empreendedoras criativas do segmento do artesanato em Parintins/AM”. As discussões aqui postas são oriundas dos processos de produção e resultados, que tem como objetivo: “Analisar as estratégias de mulheres empreendedoras do ramo do artesanato no município de Parintins/AM para a conservação sustentável de sua autopoiese”.

Nesse sentido, são objetivos específicos: I) Identificar as políticas públicas no estado do Amazonas, em especial em Parintins, no fomento do empreendedorismo criativo. II) Verificar a organização produtiva dos empreendimentos criativos, do ramo do artesanato, desenvolvido por mulheres. III) Apontar as estratégias das mulheres empreendedoras para a conservação de sua autopoiese.

As leituras e fichamentos, foram fundamentos importantes e indispensáveis utilizados no desenrolar desta pesquisa, visto a necessidade de compreender os fatos a partir de uma perspectiva de totalidade e leitura da realidade. Assim autores como: Sechi (2012); Dias; Matos (2012); Dornelas (2012); Dolabela (2008); são algumas das referências à compreensão das políticas pública. No âmbito do artesanato e cadeia produtiva os postulados de Dondis (1991); Lima (2007); Fragata *et al* (2016) e Selmany (1983); são um dos aportes imprescindíveis. Para abranger a complexidade sistêmica e autopoise das mulheres empreendedoras artesãs, utiliza-se de referenciais de teóricos como Maturana; Varela (2009); Morin (2010).

A metodologia proposta no projeto de pesquisa segue o que inicialmente fora estabelecido, a base epistemológica do paradigma dialético da complexidade sistêmica, oportunizando um diálogo com o real, bem como analisar um ambiente que nos circunda como um sistema em continuo processo de vir a ser, evidenciando a relação entre unidades/partes, de circularidade e interdependência entre as partes e o todo, descrevendo o princípio da separação e não separação de Morin (2010).

A execução da pesquisa de campo foi desenvolvida, seguindo o acordado no cronograma, tendo por base os estudos de Yin (2005), sobre a estratégia do estudo de caso. Esta possibilita uma investigação descritiva e analítica sobre as características holísticas das experiências vividas pelos sujeitos da pesquisa, tais como conceitos e organização das políticas públicas, sua aplicação no fomento ao empreendedorismo, a forma como estas políticas públicas estão disponíveis aos artesãos e como se dá as estratégias para manutenção das artesãs pesquisadas neste projeto.

Neste relatório estão contidas revisões bibliográficas, compostas em três capítulos. No primeiro capítulo serão apresentadas as discussões conceituais acerca das políticas públicas, suas características e abordagens. No que concerne ao empreendedorismo, enfatizamos as principais instituições de fomento ao empreendedorismo, especificamente no Estado do Amazonas, bem como evidenciar as políticas públicas voltadas ao desenvolvimento das empreendedoras no ramo do artesanato, evidenciando as oportunidades e fragilidades destas políticas públicas e os programas destinados ao fortalecimento do setor criativo artesanal.

No segundo capítulo estão contidas discussões acerca das origens do artesanato, conceitos, seu desenvolvimento histórico enquanto ofício tradicional. As diversas formas de artesanato, bem como uma abordagem acerca das cadeias produtivas, fases e organizações das artesãs parintinenses, os entraves e estratégias presentes em seus ofícios artesanais.

O terceiro capítulo é composto por abordagens sobre a autopoiese, seguido pelos resultados da pesquisa com as artesãs, onde foram identificadas, questões relacionadas aos cuidados pessoais, domésticos, trabalho e familiares, relacionados aos desafios e estratégias que perpassam a conservação de vida destas mulheres no município de Parintins. Concluindo-se com considerações acerca das estratégias para conservação da autopoiese das mulheres empreendedoras no ramo do artesanato.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 POLÍTICAS PÚBLICAS: DISCORRENDO CONCEITOS

Conceituar o termo Políticas Públicas requer compreender seus sentidos e variedades. No contexto da língua inglesa, o termo “política” obtém duas variâncias, uma relacionada à ação do homem na manutenção e obtenção dos recursos necessários para o exercício do poder, na compreensão de Bobbio (2002). A segunda variância está ligada à política como orientações para decisão e ação.

Para Sechi (2012), o conceito de políticas públicas está ligado intimamente com este segundo sentido, onde tratam do conteúdo concreto e simbólico de decisões políticas, e do processo de construção e atuação dessas decisões, cujas políticas públicas são compreendidas como diretrizes elaboradas para enfrentar um problema público.

Por meio desta associação do conceito diretamente com a ação governamental, evidencia-se as relações intrínsecas de poder que permeiam estas ações. Para Dias e Matos (2012), é inegável que as políticas públicas, ainda com termos que abrangem diferentes significados, são de algum modo relacionadas com posse, manutenção ou distribuição de poder.

No entanto, outra fator relevante, é a não existência de uma única, nem melhor, definição sobre o que seja política pública. Porém pode-se resumir política pública, segundo Souza (2006), como o campo do conhecimento que busca, ao mesmo tempo, “colocar o governo em ação” e/ou analisar essa ação e, quando necessário, propor mudanças no rumo ou curso dessas ações.

A abordagem utilizada para desenvolver o estudo das políticas públicas presentes nesse trabalho foi a multicêntrica, onde se consideram tanto as organizações privadas, organizações não governamentais, organismos multilaterais, redes de políticas públicas, em concomitância com os atores estatais, como protagonistas no estabelecimento de políticas públicas (SECHI, 2012).

Sendo uma das características essenciais dentro das políticas, os atores envolvidos tanto na produção como na atuação. De acordo com Medeiros (2013), o aparelho estatal é identificado como um dos principais atores, no entanto os recursos estatais estão cada vez mais incapazes de garantir sozinhos os recursos necessários.

O que se verifica frente a este cenário, político, social e econômico em constantes modificações, é a presença cada vez mais forte das instituições de cunho privado no desenvolvimento e proposição de ações e projetos sociais, direcionadas a diversos setores e atendimento de pequenos grupos.

A participação de atores governamentais, como políticos, burocratas, sociedade civil, etc.; como também de atores não governamentais: partidos políticos, meios de comunicação, organizações do terceiro setor, entre outros, evidencia a diversidade de sujeitos envolvidos no ciclo de desenvolvimento das políticas, desde a proposição, construção e implementação dos projetos.

Segundo Sechi (2012), embasado nas Tipologias de Lowi, as políticas podem ser divididas em quatro tipos, de acordo com as arenas políticas ou de poder, que são: regulatórias, distributivas, redistributivas e constitutivas.

As **políticas distributivas** são financiadas pelo conjunto da sociedade, e os seus benefícios são distribuídos atendendo as necessidades de uns, sem afetar os outros grupos de indivíduos. Políticas de cunho regulatório envolvem a distinção, no que tange o atendimento das demandas de grupos, diferenciando os beneficiados e prejudicados por essas políticas.

As **políticas redistributivas** objetivam redistribuir recursos financeiros, direitos ou outros benefícios entre grupos sociais. Já as **políticas contributivas** estabelecem regras sob as quais outras políticas públicas são selecionadas.

De acordo com Dias e Matos (2012), as políticas ainda podem ser divididas pelo seu alcance. Focalizadas, quando se destinam a um público específico, ou universalistas quando se destinam à todos indistintamente, sem se definir o grupo exclusivo.

Diante da diversidade de fatores e tipos de políticas públicas, podemos compreender a necessidade de análise e acompanhamento destas, além dos seus impactos e mudanças no âmbito econômico, político e histórico-social, no contexto brasileiro. Neste trabalho daremos enfoque as políticas públicas de cunho distributivo, referente ao fomento e apoio ao empreendedorismo.

2.1.1 Políticas públicas no Amazonas: empreendedorismo em foco

A região amazônica, há tempos, tem evidenciado potencial para o desenvolvimento econômico e social, aliando as alternativas sustentáveis de manejo dos recursos naturais. A geração de emprego e renda na região se vê necessária e viável, a partir de aplicação de políticas públicas adequadas que possam analisar os diversos contextos socioeconômicos e culturais.

Dentre as diversas estratégias para o desenvolvimento regional, temos o empreendedorismo, como via econômica e sustentável, para a inserção dos mais diversos segmentos de produção e venda, de modo a ampliar as possibilidades na formação de pequenos negócios com potencial regional e nacional.

Vemos o conceito de empreendedorismo difundindo-se no Brasil, devido a sua relevância para o impulso da economia na geração de novos empregos. Além disto, a sua crescente ênfase no âmbito das pesquisas e criação de programas específicos voltados ao público empreendedor, como exemplo o Programa Brasil Empreendedor (desenvolvido pelo Governo federal), e o programa Empreendedor Individual.

Dornelas (2012), define empreendedorismo como o envolvimento de pessoas e processo que, em conjunto, levam a transformação de ideias em oportunidades, e a implantação eficaz destas, leva à criação de negócios de sucesso. Observamos, a partir deste conceito, a importância de debater sobre o empreendedorismo, frente ao ímpeto do brasileiro em desenvolver os seus próprios negócios, a presença de dificuldades sociais, e a necessidade de crescimento da economia nacional.

O empreendedor é compreendido neste sentido, como o motor da economia, o ser social e agente de mudanças, fruto do fenômeno econômico e social do Empreendedorismo. Imagina, desenvolve e realiza visões, buscando transformar seus sonhos em realidade, atrelando o desenvolvimento social e a sustentabilidade (DORNELAS, 2012; DOLABELA, 2008).

Portanto, a busca de soluções para a potencialização do empreendedorismo cria a necessidade de políticas públicas que desenvolvam pontes entre as empresas, instituições de ensino e pesquisa, organizações governamentais e comunidades, ligando estes e o mercado, no intuito de estimular o espírito empreendedor revitalizando, atitudes e comportamentos necessários para irromper negócios viáveis e inovadores, através de um modelo de desenvolvimento regional-sustentável BOTELHO (2008).

Algumas políticas públicas presentes no Estado tem se mostrado essenciais para o fomento e apoio ao pequeno e médio empreendedor, através de algumas instituições. Entre elas, inicialmente, podemos destacar a atuação do SEBRAE E AFEAM no estado do Amazonas.

O SEBRAE (Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) é serviço social autônomo do Governo federal, sem fins lucrativos, criado com a finalidade de instigar o desenvolvimento das micro e pequenas empresas, com vista à melhoria do seu resultado e ao fortalecimento do seu papel social.

É regulamentado por estatuto próprio, Decreto nº 99.570, de 09/10/1990, e integra o Sistema Nacional Sebrae, atuando no Estado do Amazonas como executor de programas e projetos em prol do desenvolvimento das micro e pequenas empresas, tendo sede na cidade de Manaus.

Tendo por objetivo, no Estado, “Estimular o surgimento e promover o desenvolvimento de empreendedores, micro e pequenas empresas e grupos organizados, possibilitando-lhes a

permanência no mercado e auto sustentabilidade econômica e ambiental, buscando a melhoria contínua de processos e serviços oferecidos.” (SEBRAE, 2016).

O Sebrae no Amazonas mantém uma programação constante de cursos presenciais, palestras, oficinas e ações para capacitação e amadurecimento das competências do empreendedor, que são disponibilizadas por meio da sede, como também pelo site da instituição.

As soluções de apoio ofertadas pelo SEBRAE Amazonas estão direcionadas ao Microempreendedor Individual, Empresas de Pequeno Porte, Formalização de Empreendimentos, Microempresa, Produtor Rural, Educação Empreendedora para Escolas Públicas e Privadas, entre outros atendimentos disponíveis na instituição.

Podemos citar ainda outras instituições que ofertam ações de apoio aos empreendedores amazonenses, como a AFEAM, (Agência de Fomento do Estado do Amazonas S/A), a partir da Lei Federal nº 6.404/76 foi instituída como “uma empresa pública, classificada como instituição financeira não bancária, subordinada à fiscalização e supervisão do Banco Central do Brasil e organizada sob forma de sociedade anônima, de capital fechado.”. (AFEAM, 2016)

Esta agencia de fomento atua no estado do Amazonas dando prioridade ao apoio financeiro, ao crédito e técnico às iniciativas que estimulam o desenvolvimento dos setores produtivos da economia regional, proporcionando a melhoria na qualidade de vida da população além de contribuir com a geração de emprego e renda e suas relações sobre o desenvolvimento social.

Há diversas linhas de financiamento na agencia, aqui damos destaque ao programa estadual Banco do Povo, de microcrédito orientado, tendo por base o incentivo ao empreendedorismo em atividades produtivas que gerem trabalho e renda.

Este crédito orientado é direcionado para trabalhadores autônomos, microempreendedores individuais, profissionais liberais, produtores rurais e micro e pequenas empresas que desejam iniciar, manter ou ampliar o próprio negócio (Banco do Povo/ AFEAM, 2016).

Estas agências fomentadoras, presentes no estado, não viabilizam somente a efetividade das políticas públicas de apoio ao empreendedorismo, como também tem interface com a geração de trabalho e renda aos cidadãos, sobretudo no que tange a inclusão social. Seguindo este viés, no Estado do Amazonas, temos também a atuação do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e Secretaria de Estado do Trabalho (SETRAB).

De acordo com definição na Constituição Federal de 1988, visualiza-se dentre os objetivos da assistência social “a promoção da integração ao mercado de trabalho” (Art. 203,

inciso III), vindo a ser reiterada e regulamentada dentro da Política de Proteção social pela Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS).

Englobado pela Política Pública de Assistência Social, o CRAS é uma unidade pública estatal, que atende e executa serviços no âmbito da proteção social básica, além de direcionar e coordenar serviços socioassistenciais. Atua com famílias e indivíduos a partir do contexto comunitário, potencializando a mesma como unidade de referência.

Tem como principal objetivo o atendimento das comunidades em situação de vulnerabilidade e risco social, fortalecendo vínculos internos e externos de solidariedade e oportunizando o protagonismo dos membros familiares, ofertando serviços locais, visando acolhimento, convivência e socialização, bem como a promoção da integração ao mercado de trabalho. (PNAS, 2004)

As ações que são disponibilizados dentro do CRAS no âmbito da geração de trabalho e renda estão presentes dentro do Programa de Inclusão Produtiva e projetos de enfrentamento a pobreza, e na formação de centros de informação e educação para o trabalho, voltados para jovens e adultos.

Neste mesmo direcionamento, a Secretaria de Estado do Trabalho - SETRAB, órgão integrante da administração direta do poder Executivo, tem como finalidade a formulação, supervisão e coordenação, execução e avaliação das políticas Estaduais, relativas ao emprego, mercado de trabalho e promoção do trabalhador.

Com ações de apoio voltadas para intermediação de emprego, qualificação profissional, geração de renda e acesso ao seguro desemprego. Tendo articulação com órgãos e entidades da administração Federal, Estadual e Municipal e com organizações não governamentais.

A proposta chave de ação do SETRAB, de acordo com informações disponibilizadas em sua página oficial, é a implantação da Política Pública de Emprego, como direcionadora dos investimentos públicos a partir da identificação de potencialidades do mercado, demandas de emprego e tendências econômicas. Visando assim, ações institucionais e parcerias para um caminho único de ação, evitando trabalho paralelo e dispersão de esforços e recursos.

De acordo com o site da organização seus objetivos são buscar empregos, capacitar tecnicamente o trabalhador e ativar os aspectos de empreendedorismo e investimentos que gerem renda e promova a circulação de dinheiro na classe trabalhadora. Oferecendo ações e serviços de intermediação de mão de obra, qualificação social/profissional e seguro desemprego.

No âmbito da qualificação profissional, temos a presença do PRONATEC, instituído pela Lei 12.513/2011, como programa inserido na política pública de formação técnica, afim de alavancar o desenvolvimento social econômico do país e construção da cidadania.

O Programa Nacional de Acesso ao Sistema de Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), tendo como objetivo principal democratizar o acesso da população brasileira à Educação Profissional e Tecnológica (EPT) de qualidade. Segundo relatórios do Ministério da Educação (MEC), este eixo educacional vem ganhando destaque como estratégia no fortalecimento da cidadania e melhor inserção de jovens e trabalhadores no mercado de trabalho em constantes transformações. (BRASIL, 2012)

Por meio do PRONATEC são oferecidos diversos cursos profissionalizantes gratuitos em instituições de ensino públicas federais, estaduais e municipais, privadas de ensino superior e de educação profissional técnica de nível médio por meio dos Institutos federais de Educação (IF's).

No Amazonas os cursos são oferecidos pelo SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial), SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), IFAM (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas) e FUCAPI (Fundação Centro de Análise, Pesquisa e Inovação Tecnológica).

Portanto enumeramos algumas instituições, ações e projetos, estas políticas públicas que direcionam e dão suporte para o desenvolvimento do empreendedorismo, seja na forma de apoio financeiro, educação empreendedora ou na formação profissional. No Amazonas são importantes instrumentos de inclusão social, na inserção dos cidadãos ao mercado de trabalho, na qualificação profissional, ampliação das capacidades técnicas e geração de trabalho e renda.

2.1.2 Políticas públicas de fomento ao empreendedorismo criativo no Amazonas: valorização cultural e econômica do ramo artesanal

O Amazonas tem se destacado não somente pelo seu potencial sustentável, como também pela sua biodiversidade, fauna e flora, assim como na sua diversidade sociocultural, e nesta observamos as manifestações artísticas, evidenciando seus saberes e tradições passados de geração a geração.

Observamos essas características, em especial, no município de Parintins, onde crenças, costumes, celebrações e lendas não se aтем somente ao imaginário e cotidiano caboclo, mas vem se expressando por meio das capacidades criativas de seu povo. Através da festa do Boi Bumbá, é demonstrado a diversidade de seus povos, uma miscigenação cultural, agregando valores e gerando oportunidade de desenvolvimento local, econômico e social.

Estas estratégias culturais para geração de renda estão atreladas a um conceito novo e em grande crescimento no país, a economia criativa. Ana Carla Reis, a partir dos estudos em Howkins (2001) define a economia criativa como transformação de ideias em recurso financeiro, vindo a promover inclusão social e desenvolvimento humano.

A discussão da economia criativa tem ênfase inicialmente no Reino Unido e Austrália, onde diretrizes inseridas no plano de governo Tony Blair ganham destaque, fazendo com que o tema fosse inserido nas agendas políticas dos referidos países durante os anos 90.

Os estudos relacionados a economia criativa ou indústrias criativas são recentes, no Brasil a discussão referente a este novo eixo econômico surge em 2004, durante o encontro quadrienal da Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento. Posteriormente vão se desenvolvendo eventos onde se pudesse debater, ampliando conhecimentos e projetos sobre o assunto.

O termo Indústrias Criativas, vinculado diretamente à economia criativa, faz referência às empresas que se originam da criatividade individual, a partir de habilidades e dos talentos, tendo potencial para a geração de trabalho e renda por meio do desenvolvimento e utilização da propriedade intelectual.

Para Reis (2008), a criatividade vai para além de criar, perpassa os caminhos da reinvenção, desconstruindo e unindo, desenvolvendo soluções para problemas emergentes e antigos. O combustível que renova a economia, evidenciando uma concorrência entre agentes criativos e estimulando a entrada de novos produtores ao mercado.

Nestas compreensões, a Economia Criativa pode ser entendida como um modelo de negócios e gestão que contempla dinâmicas culturais, sociais e econômicas. A partir de produtos ou serviços desenvolvidos, sejam bens tangíveis e intangíveis, por meio do potencial individual ou de um grupo.

Vem sendo construída a partir do ciclo de criação, produção, distribuição/circulação/difusão e consumo/ fruição de bens e serviços oriundos dos setores criativos, gerando conteúdo criativo, valor econômico e desenvolvimento social. (Plano SEC, 2001)

De acordo com pesquisas produzidas pela FIRJAN, o Brasil está entre os maiores produtores de criatividade do mundo, suas expressões culturais, saberes e costumes são propulsores para o desenvolvimento econômico e social.

O potencial deste segmento empreendedor no País foi de tal modo grande que em 2011 houve a implantação da Secretaria de Economia Criativa, regida pelo Ministério da Cultura,

tendo por direcionamento, desenvolver e executar políticas de fomento de economia Criativa no Brasil.

Portanto o desenvolvimento do Empreendedorismo Criativo, intimamente ligado com estas atividades criativas, envolve uma variedade de negócios aplicados aos setores artísticos, culturais e de valor simbólico, abarcando toda economia do país, agregando valores de inovação, design, criatividade e sendo propulsor na geração de valor econômico.

Dentre os setores presente na economia criativa, podemos organiza-los de acordo com a definição dada pela Secretaria de Economia Criativa, onde se encontram divididos em Categorias Culturais: Patrimônio, Expressões Culturais, Artes de espetáculo, Audiovisual e Criações Culturais e Funcionais.

Figura 01. Modelo de Organização das Categorias e Segmentos Criativos



Fonte: Secretaria de Economia Criativa.

O Amazonas, segundo dados do site Endeavor¹, pode ser considerado um dos Estados onde mais está presente a cultura empreendedora no país, um dos fatores preponderantes está no seu potencial criativo, emanado de sua veia cultural e de suas vivências locais. De acordo com estudos realizados pelo site, Manaus está entre as sete capitais brasileiras com melhores condições para a atividade empreendedora, cerca de 60% da população manauara acredita que os empreendedores são responsáveis pelo desenvolvimento do Brasil.

As expressões culturais são diversificadas, próprias da miscigenação presente na formação étnica do Estado. Dentre elas podemos pontuar as festas religiosas, festas folclóricas,

¹ www.endeavor.org.br/importancia-indice-de-cidades-empreendedoras/ - Estes site é referente a pesquisas sobre o empreendedorismo no Brasil.

danças regionais, culinária, artesanatos, entre outras. Nesta diversidade regional, observa-se uma porta de entrada a prática do empreendedorismo criativo, tendo em vista a possibilidade de geração de novos empregos e desenvolvimento local.

O artesanato tem se mostrado uma produção artística cultural que desvela a identidade do povo amazônida, além de expressar saberes e tradições indígenas perpassadas, demonstra a criatividade e recriação de suas vivências cotidianas. Além deste valor simbólico, evidencia-se o valor econômico agregado a estas produções artesanais, levando a oportunidade de geração de renda de maneira sustentável.

Neste direcionamento, as agências de fomento ao empreendedorismo são peças-chaves e imprescindíveis para que este segmento criativo possa dar seus primeiros passos, visando o crescimento e estabilidade no mercado. Podemos destacar a atuação de duas agências de fomento, atuando no segmento da economia criativa, direcionadas ao ramo do artesanato, nesta pesquisa: SEBRAE e SETRAB.

O SEBRAE além dos pontos já destacados neste capítulo, ainda tem como seus objetivos centrais: desenvolver competências e capacitar empreendedores que atuam no mercado de negócios criativos no Brasil, afim de estimular capacidades criativas naturais em ativos econômicos, para sustentação destes pequenos negócios.

A instituição oferece cursos, oficinas, palestras e exposições para a criação de empreendimentos viáveis e sustentáveis. Além de participações em trabalhos e eventos que refletem discussões sobre a economia criativa no país, devido à importância deste novo ramo empreendedor, o Sebrae desenvolve o “Termo de Referência: Atuação Sebrae na Economia Criativa”, afim de direcionar suas ações nesta área econômica.

Neste documento, o Sistema Sebrae evidencia o respeito a diversidade e a potencialidade da economia criativa, tendo por objetivos estratégicos fomentar iniciativas que estimulem: o desenvolvimento setorial e territorial das atividades criativas, estimular a valorização das redes, costumes, tradição e vocação do local; o desenvolvimento transversal.

De acordo com estas proposições, a instituição busca com suas ações voltadas à área empreendedora, “levar componentes da economia criativa a todos os segmentos e setores da economia, afim de gerar valor, diferenciais e estimular a competitividade das empresas.”

O Sistema Sebrae adota a organização da economia criativa alinhada à visão da Unesco e Ministério da Cultura. Abrangendo os seguimentos criativos da Arquitetura, Expressões culturais, Artes visuais, Audiovisual, Design, Digital, Editoração, Moda, Música e Comunicação.

No que se refere ao Artesanato, o SEBRAE tem uma gama de soluções desenvolvidas diretamente para este segmento. Desenvolvendo ações e programas, além de possuir o “Termo de referência: atuação do Sistema SEBRAE no artesanato”, que de forma conceitual, facilita o planejamento, a execução e o monitoramento de projetos e ações a partir da definição das categorias artesanais (MASCENÊ; TEDESCHI, 2010).

No Estado, o Sistema Sebrae além das soluções já disponibilizadas instituição, desenvolve o projeto “Sebrae de Fomento ao Artesanato do Amazonas”. Por meio dele, os micro e pequenos empreendedores participam de capacitações, ações de mercado, feiras, eventos, consultorias de gestão e processo, atividades de promoção da cultura associativa, entre outros.

A Secretaria de Estado do Trabalho - SETRAB, neste mesmo ensejo, focaliza a importância empreendedora da economia criativa, desenvolvendo ações e programas de apoio ao microempreendedor amazonense. Suas políticas públicas de maior relevância na região estão relacionadas ao ramo artesanal.

O Programa de Artesanato Amazonense, proveniente do Programa do Artesanato Brasileiro do Governo Federal, é executado no Estado por meio da SETRAB. Tem por objetivo desenvolver ações, palestras e eventos que promovam a valorização, financiamento, divulgação e valorização dos produtos artesanais.

São realizadas palestras, editais de financiamento, a distribuição da Carteira Nacional do Artesão, dentre outras ações coordenadas pela secretaria, que fazem parte da política nacional de apoio ao artesanato e facilitam o acesso do empreendedor criativo à bens, serviços de isenção e benefícios sociais.

Observa-se que o trabalho destas instituições expostas na pesquisa tem suas atividades complementadas, com o Apoio estratégico aos empreendimentos por parte do SEBRAE, disponibilização das linhas de crédito da AFEAM, os cursos e oficinas para geração de trabalho e renda dos Centros de Referência Social, como a profissionalização técnica oferecidas por meio do Pronatec.

Ambas instituições tem por função primordial o apoio, direto ou indireto, a geração de trabalho e renda, apoio ao empreendedorismo, como também promovendo a inclusão social. Perante estas possibilidades postas ao empreendedor amazonense, nos resta repensar sobre a disponibilização e difusão destas ações, e se estas estão adequadas aos mais diversos empreendedores, no que se refere ao capital disponível e análise dos novos segmentos criativos.

Analisar as peculiaridades regionais, destas novas formas de empreender, além da valorização e desenvolvimento do teor sustentável presente nestes novos insumos é

imprescindível para abarcar o veio cultural, a valorização dos saberes tradicionais, além de alavancar o desenvolvimento do potencial econômico social no Estado.

2.1.3 Políticas públicas de Fomento ao Empreendedorismo Criativo Feminino no Município de Parintins.

A cidade de Parintins é portadora de potencial cultural, artístico e turístico imensurável, banhada pelas águas do rio Amazonas, a cidade abriga cerca de 112.716 habitantes (IBGE, 2016), tendo durante o ano inteiro festas folclóricas e religiosas como o Festival dos Bois Garantido e Caprichoso, Pastorinhas e Festejos em Honra à padroeira da cidade.

O município de Parintins/AM apresenta um alto potencial para o desenvolvimento socioeconômico a partir do setor criativo, visto possuir uma raiz sociocultural ligada aos saberes tradicionais indígenas e não indígenas.

Perante esta força econômica, Lima *et al* (2016), destaca a historicidade, valores culturais, simbólicos e conhecimentos tradicionais reconhecidos mundialmente nesta cidade, a partir da criatividade e saberes humanos, gerando economia regional e sobretudo a qualidade de vida local.

No aspecto referente à criatividade evidenciam-se as mulheres que trabalham diretamente com a confecção e venda do artesanato, estas têm como aspecto central em sua organização produtiva as idealizações dos seus produtos, utilizando em sua maioria, insumos biodegradáveis, recicláveis, estando dentro da lógica do desenvolvimento sustentável.

Este potencial criativo do município precisa ser fortalecido por meio de pesquisas, ações e políticas públicas que evidenciem o desenvolvimento a ser trabalhado na região, em diversos âmbitos, sejam sociais, culturais e econômicos. Inclusive direcionado as artesãs, um grupo diferenciado de mulheres que tem como estratégia de sobrevivência a atividade artesanal.

Neste sentido, um dos pontos de relevância a serem abordados nos formulários e entrevistas realizadas durante a pesquisa de campo foi a presença do fomento ao empreendedorismo criativo destas artesãs na cidade de Parintins.

As entrevistadas relatam o conhecimento de algumas políticas de fomento direcionadas ao ramo artesanal, no entanto outras trazem as dificuldades de se ter acesso a essas políticas. Dentre elas destacamos os programas mais direcionados a esse segmento: o Banco do povo, promovido pela AFEAM e ações promovidas pelo SEBRAE. As falas das entrevistadas corroboram com a evidência teórica.

Eu fui na reunião que teve no banco do povo, fui pra pegar senha né, pra poder eu conseguir...tá! Eu organizei tudinho a minha documentação tudinho né, mermo que quando a gente tirou a carteira do artesão a gente foi comunicado que seria mais fácil com a carteirinha do artesão, só que quando eu cheguei lá PAC que eu vi aquele agito das pessoas já reclamando que a fila tava imensa e que tinha gente lá dentro demais e a reunião estava muito demorada (...) aí ficou tudo junto, cheguei lá, não vi nem um artesãos lá, aí eu até pensei, será que é aqui mermo, que eu tô vendo, pessoal que trabalha com pousada, com restaurante, tá tudo uma bagunça só! aí depois chegou a mulher que disse assim, olha! Quem não foi atendido hoje, amanhã de novo tem que vir, aí foi falar que a senha não valia, que eu teria que pegar outra senha (ARTESÃ 01).

Eu assim... eu nunca tive apoio, pra te ver eu nunca tive apoio de ninguém assim sabe, como eu to te falando, eu nunca fiz empréstimo na minha vida, pra você ter uma ideia, agora que deu vontade... naquele coisa ali... Banco do povo... é também porque, pra quem era artesão, a carteirinha valia, mas eu cheguei a pensar... cheguei lá na frente, mas só que eu vi muita gente (ARTESÃ 02).

Neste sentido a organização e viabilização deste programa da AFEAM em acordo com as falas das artesãs 01 e 02, no município de Parintins tem sido fragilizado pelas situações de desordens nos momentos de cadastro e informações viabilizadas as empreendedoras na cidade.

Ainda possuindo a carteirinha de artesã, disponibilizada pelo Programa de Artesanato Amazonense – PAM por meio da SETRAB, enquanto prerrogativa para recebimento e facilidades a diversos serviços, a complicação de chegar até o atendimento é um empecilho evidente. Reforça-se ainda o desestímulo na fala de outras empreendedoras.

Meu Deus foi uma confusão, aí eu falei pro meu marido, Não ! não é pra mim isso, deixa tá como tá, não! Não gostei não! Deixa eu trabalhar assim mermo, trabalhar com o meu mermo, com o meu dinheiro, entendeu, fazer o meu capital de giro mesmo (...) (ARTESÃ 01).

A AFEAM ela já veio, varias vezes coisa pra artesão né aqui. Uma vez a gente fez, mas depois disso também, nunca mais. Foi logo no inicio que a gente fez eu e a senhora, mas agora não! (...) Seria bom ter fora da época que a gente tá bem apertado, aí seria bom né, mas infelizmente (ARTESÃ 03).

A sazonalidade dos serviços é um dos fatores que mais impedem à adesão das empreendedoras a estes programas, em alguns relatos o foco das ações e cadastros se dá no momento do Festival Folclórico de Parintins, não havendo outros momentos de ação da empresa de fomento.

Apesar do potencial da cidade de Parintins/Amazonas parece haver fragilidades nas políticas públicas como a falta de eficiência em garantir a perdurabilidade de ações como estas, não somente em períodos como o Festival dos Bois, mas que se mantenham em atuação a qualquer momento na região (LIMA *et al*, 2016).

Desde que segui as regras deles, faça o que eles querem, pra mim não dá, eu digo, um dia eu disse pra mulher do SEBRAE, eu nunca quis ser empregado de ninguém, eu nunca quis (...)eu procurei assim trabalhar por minha conta própria sem dar explicação

e satisfação pra ninguém entendeu (...)o empréstimo da AFEAM, pra quem quer trabalhar eu acho uma indecência! É uma falta de respeito, porque eles vão emprestar pro cara que quer trabalhar, agora eu não tiro a razão deles, pra trabalhar... Eu vou emprestar 2 mil reais, pra que eu quero 2 mil reais ? 2 mil reais eu gasto com o meu material, que nem dá pra começar o meu trabalho né, aí eu vou investir em que? (ARTESÃ 04).

Outro ponto em destaque são as formas de ingresso e regras para continuidade nos programas direcionados aos artesãos, algumas linhas de crédito disponibilizadas são ínfimas para início e continuidade do empreendimento artesanal. Não se tem levado em consideração a peculiaridade de cada setor, sobretudo o artesanato enquanto trabalho demandatário de grade material produtivo específico e mão de obra.

Somente uma artesã entrevistada teve acesso a apoio em seus empreendimentos, fornecido pela Incubadora Amazonas Indígena Criativa – AMIC. Esta organização atua no município de Parintins com empreendimentos indígenas e não indígenas, assessorando os aspectos técnicos produtivos, captação de recursos; gestão de negócios criativos e acesso as informações necessárias para melhorais nos empreendimentos.

a gente entrou com parceria com a AMIC né, com projeto da Rede Asta né e também a gente tem uma parceria com o SEBRAE. (...) então assim... a gente começou né, se organizar, quando a gente começou se organizar, a gente ficou muito surpreso né (ARTESÃ 05).

A incubadora tem feito processos seletivos para inserção de novos empreendimentos participantes, inaugurada em 2015 por iniciativa do Ministério da Cultura - MINC em conjunto a Universidade Federal do Amazonas – UFAM, durante estes dois anos de atuação tem colaborado essencialmente para o crescimento econômico, cultural social e sustentável dos participantes.

A AFEAM, SETRAB e SEBRAE têm atuado no município, com ações e programas centralizados, de enfoque para o desenvolvimento empreendedor, regularização de cadastros, financiamentos, oficinas e feiras que proporcionem a ampliação nas visões de negócios e oportunidades de melhoria de empreendimentos.

No mesmo eixo de fomento cultural, a Secretaria de Cultura, Turismo e Meio Ambiente tem desenvolvido uma política Cultural e Turística, focando na formação, produção e circulação dos produtos na cidade e valorização destes em partes do País. A partir de cursos, de incentivo a utilização de insumos reciclados e naturais, competição nacional, afim de fortalecer os artesanatos. Contudo, as ações são centralizadas durante o Festival Folclórico e chegada de Navios Turísticos, com a disponibilização de tendas e espaços, para a comercialização destes.

No entanto, a existência de políticas públicas não é acessível e nem mesmo comunicada a muitos trabalhadores no ramo, principalmente às artesãs. Não se verifica uma política pública especializada a este grupo de mulheres que trabalham no artesanato, são mães, donas de casa, desenvolvem diversas atividades a seu único encargo.

2.2 ARTESANATO E SUAS RELAÇÕES: DISCUSSÕES CONCEITUAIS

O artesanato tem sido uma temática relevante, não somente no eixo das pesquisas acadêmicas, seu foco cresce no tocante ao fomento de desenvolvimento local, economia criativa empreendedora, e sustentável, enquanto viabilizador de trabalho e renda. Portanto, discutir o artesanato e as relações econômicas, socioculturais e históricas se faz imprescindível no presente trabalho.

Antemão a esta discussão, temos as especificidades da conceituação do artesanato e sua diferenciação, referentes às compreensões firmadas no terreno das Artes. Dondis (1991), em seus estudos evidencia as constantes mudanças históricas do conceito de ‘arte’, bem como a dicotomia que se interpõem entre as chamadas “belas-artes” e “artes aplicadas”.

De acordo com Argan (1992), a partir do século XVI, com o surgimento das academias de artes houve uma alteração decisiva no *status* do artista, desenvolvida por Bounarroiti, onde o termo belas-artes está relacionado ao âmbito da arte acadêmica, e artes aplicadas são direcionadas as produções artísticas orientadas para o mundo cotidiano, pela criação de objetos, peças e outros utensílios necessários às vivências cotidianas do homem.

Nesta compreensão observa-se a separação entre arte e artesanato, no entanto com a evolução dos estudos e correntes artísticas/teóricas, temos a aproximação e afastamento das ditas “belas-artes” e artes aplicadas. Neste estudo, adotaremos a classificação e localização do artesanato, no terreno das artes plásticas.

Nas discussões conceituais de Gullar (1994), a diferenciação entre arte e artesanato é um fenômeno que tem início no Renascimento, com a divisão de artesão e artista nos postos de trabalho, onde se dava maior visibilidade ao artista individual, passando este a ter ateliê próprio e possibilidades de encomenda das suas produções.

Assim temos a contraposição da arte, enquanto a busca de formas diferenciadas, novos estilos, e artesanato por outro viés, conservando as formas, técnicas, desenvolvimento e produção dos objetos.

Mirshawka (2016), descreve o artesanato atrelado a própria história do homem, frente à necessidade de se produzir bens de utilidades e uso rotineiro, expressando capacidade criativa e produtiva por meio do trabalho. Os primeiros artesãos surgem no período neolítico, com a aprendizagem do polimento de pedras, cerâmica e tecitura.

Santos *et al* (2010) destaca que a produção artesanal, na Idade Média, foi sendo melhor estruturada enquanto segmento de trabalho. A concentração da produção ficava a cargo dos artesãos, estes posteriormente se uniram para suprir necessidades crescentes do mercado de trabalho e consumo, configurando uma forma de trabalho cooperado.

A partir da revolução industrial, século XVIII, o artesanato sofre uma forte desvalorização, propiciado pelo avanço do capital e suas novas formas de produção, onde o trabalho foi dividido e os indivíduos não participavam de partes específicas da fabricação, forma-se a denominada linha de montagem. (MIRSHAWKA, 2016)

Todavia, há uma imprecisão relacionada ao conceito do artesanato, seguiremos a discussão deste capítulo com a apresentação de alguns autores e estudiosos da temática, sem de alguma forma reduzir a uma única compreensão, mas evidenciar elementos relacionados, possibilitando uma congregação discursiva.

Segundo Lima (2007), o artesanato está ligado à produção de objetos, tendo por origem o fazer eminentemente manual. Portanto as mãos que executam o trabalho são o principal

instrumento que o ser humano utiliza na confecção do objeto. O uso de ferramentas, inclusive máquinas, quando ocorre, se dá de forma apenas auxiliar, como um apêndice ou extensão das mãos, sem ameaçar sua predominância.

De acordo com a compreensão do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (2012), artesanato é toda a produção proveniente da transformação de matérias primas, predominantemente manual, por indivíduo que detenha o domínio integral de uma ou mais técnicas, aliando criatividade, habilidade e valor cultural.

O Conselho Mundial do Artesanato (CMA) direciona ao fazer artesanal, a utilização de meios tradicionais ou rudimentares, com habilidade, destreza, qualidade e criatividade. Nestes conceitos, observamos a predominância do manual, tradicional, criatividade e, sobretudo da expressão cultural, enquanto características intrínsecas ao artesanato.

A cultura emanada por meio do fazer artesanal vem a firmar sua auto-identidade, além disto, evidenciam os saberes e costumes locais, modos de vida de um povo com características que diferem de espaço e tempo. Além de fomentar, em algumas atividades, a economia sustentável.

Num cenário no qual a busca crescente, por parte dos consumidores, de produtos diferenciados e originais, o Artesanato emerge como uma contrapartida à massificação e uniformização de produtos globalizados, promovendo o resgate cultural e a identidade regional. (SANTOS *et al*, 2010)

Ainda podemos destacar a representatividade da cultura material e imaterial presente no artesanato. Para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), os bens culturais de natureza imaterial referem-se a praticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer.

No que se refere a bens culturais de natureza material, são definidos, de acordo com IPHAN, como um conjunto classificado segundo sua natureza: arqueológico, paisagístico, etnográfico, histórico, belas-artes e das artes aplicadas, sendo subdivididos também em bens imóveis e móveis.

Oliveira (2006) traz a cultura material como mediadora das relações entre o ser humano e sociedade, portadoras de individualidade, enquanto o imaterial vem trazendo o “saber-fazer” e a diversidade de expressões. Estas dimensões, não se dissociam, sendo ambas dinâmicas em sua interação com o artesanato e produtos da cultura.

Neste viés os conceitos apresentados englobam uma diversidade de aspectos, a partir destas discussões, observa-se a prática artesanal decorrente de uma dinâmica cultural. Em seus estudos, Cancline (1983) destaca a necessidade de se estudar o artesanato não unicamente

enquanto resultado, um objeto voltado para si, mas sim como um processo e produto inserido em relações sociais e por estas, determinado.

Apesar de sua desvalorização a partir da evolução produtiva, o artesanato tem ganhado importância, enquanto eixo propulsor tanto para em diversos âmbitos, alguns já descritos. Nos dias atuais, novos conceitos são inseridos nos ideais econômicos, a fim de aliar desenvolvimento, inovação, valorização bem como viabilização de alternativas para trabalho e renda, onde o conceito de Economia Criativa, já abordado, vem trazendo significantes contribuições.

2.2.1 Artesão e Artesanato: Características e Tipologias

O artesão, de acordo com os conceitos básicos expressados pelo Programa de Artesanato Brasileiro (PAB), é o trabalhador individual, desenvolvendo um ofício manual, levando a transformação da matéria prima bruta, ou manufaturada, em produto acabado. Detentor do domínio técnico sobre materiais, ferramentas e processos de produção artesanal na sua especialidade, criando ou produzindo trabalhos que possuam a dimensão cultural, utilizando técnica predominantemente manual, podendo contar com o auxílio de equipamentos, desde que não sejam automáticos ou duplicadores de peças.

Vives (1983), defende que os artesãos tem um dom em comum, o fazer manual, a utilização das mãos para a criação que não poderia se igualar a produção de máquina alguma, dando forma a ideias e expectativas, ainda que coletivas, recebem sua marca pessoal. Os objetos que jamais são idênticos, tendo características soberbas, singulares, traduzindo a tradição e seu intérprete, o ser humano e a cultura, em liberdade através do fazer manual.

Neste sentido, o artesão se caracteriza de maneira singular, enquanto portador de uma prática rica em traços, modos e formas. Estas expressões estão ligadas a uma “assinatura” pessoal, intrasferível, que o distinguem dos demais. Portanto, este se configura enquanto reconhecimento, quanto autor, em seu artesanato, ‘patrão’ de suas práticas de trabalho, expressando a subjetividade cultural, histórica e social.

Neste momento, traz-se a sistematização dos conceitos abordados pelo termo de atuação no artesanato SEBRAE, por sua completude em designar os tipos e características referentes à diversidade de práticas artesanais encontradas no Brasil, descrevendo seus modos culturais e sociais específicos.

A própria especificidade da formação histórica, social e cultural do país leva a, conseqüentemente, uma pluralidade da produção artesanal brasileira, onde cada região do país

demonstra suas peculiaridades em suas composições materiais e imateriais, sendo imprescindível a distinção destes traços.

Os produtos artesanais têm classificações definidas por fatores como: processo de produção, sua origem, uso e destino. Dentre elas podemos citar: Arte popular, Artesanato, Trabalhos Manuais, Produtos alimentícios (típicos), Produtos semi-industriais, Artesanato Indígena, Artesanato Tradicional, Artesanato de referência Cultural e Artesanato Conceitual.

Destacamos a seguir, partir de um quadro sistematizado pelo SEBRAE, três categorias já mencionadas.

Figura 02. Quadro de Sistematização de algumas categorias artesanais

ARTE POPULAR	ARTESANATO	TRABALHOS MANUAIS
Produção de peças únicas	Produção de pequenas séries com regularidade	Produção assistemática
Arquétipo	Produtos semelhantes, porém diferenciados entre si	Reprodução ou cópia
Compromisso consigo mesmo	Compromisso com o mercado	Ocupação secundária
Fruto da criação individual	Fruto da necessidade	Fruto da destreza

Fonte: SEBRAE (2010).

Apesar da possibilidade de confusão entre estas três categorias artesanais, o quadro acima evidencia os pormenores de cada. Onde o artesanato se diferencia principalmente pelo caráter de produção diferenciada e com relações comerciais, enquanto o simples trabalho manual tem relações de reprodução dos objetos.

Além destes eixos diferenciadores, a caráter preponderante, atrelado ao Artesanato e Economia criativa, é a Inovação, pois a mesma se personifica enquanto criatividade em ação. Ravasi e Rindova (2008) destacam, dentro destas duas dimensões, a combinação, recriação de recursos em interface com as inovações tecnológicas, enquanto pontos viabilizadores de novos mercados e produtos. O fazer artesanal aliado a inovação, vem conciliar o caráter social, simbólico e cultural, fomentando a identidade de consumidores frente à utilidade do produto.

Os produtos alimentícios ou típicos são processados de acordo com métodos tradicionais por um grupo familiar ou outros. Produtos semi-industriais, o chamado “industrianato/souvenir”(SEBRAE, 2010), são produções em grande escala com pessoas

trabalhando em um tipo de linha de produção, geralmente são objetos voltados a reproduzir uma identidade cultural para fins do mercado turístico.

A produção do Artesanato Indígena expressa o cotidiano da vida tribal (SEBRAE, 2012), com participação dos membros de uma comunidade, fruto de um fazer coletivo. Já o Artesanato Tradicional expressa cultura e tradição da vida cotidiana de um grupo, com experiências e processos transmitidos de geração a geração.

No que se refere ao Artesanato de Referência Cultural, temos como característica principal o desenvolvimento de projetos com inserção de elementos culturais da região onde são produzidos, e em geral resultados de intervenções em parceria com artistas e designers. Em contraste, o Artesanato Conceitual evidencia um estilo de vida, tendo como elemento primordial e distintivo dos demais, a inovação.

De acordo com o termo de referência para atuação no artesanato (SEBRAE), há uma diversidade de finalidades e usos aos objetos artesanais. Podendo ser para Adornos e acessórios de usos pessoais, de teor decorativo, com fins educativos ou lúdicos, religiosos bem como utilitários para satisfação das necessidades de trabalho e outras atividades.

Outro fator de destaque são as matérias-primas utilizadas na produção, que podem ser de origem: vegetal, animal ou mineral. Cada material demanda um processo diferente na idealização, composição e técnicas específicas para obtenção do produto final.

Sobre a organização do trabalho artesanal, o documento destaca algumas figuras comumente participantes do processo de criação: o Mestre artesão, o artesão, aprendiz, artista, organização em grupos, organização de empresas artesanais, associação e a cooperativa. Estes pontos serão descritos, a seguir, em acordo com os informes presentes no termo de referência para atuação no artesanato.

O **Mestre artesão**, enquanto indivíduo que adquire respeito pelo domínio de seu ofício, contribuindo, para as novas gerações, com o repasse de suas técnicas e experiências. O **artesão** é definido como detentor do conhecimento técnico sobre materiais, ferramentas e processos, já o **aprendiz** enquanto auxiliar, elaborando partes do trabalho e em processo de capacitação. O **artista**, dominador do “saber fazer”, tem em sua produção uma coerência filosófica e temática, e expressando em seus trabalhos a visão do mundo que o cerca.

Há ainda a possibilidade de **organização em grupos** para o desenvolvimento das atividades. Um núcleo de produção familiar se constitui de membros da família, com dedicação integral ou parcial, direcionados, em geral pelo pai ou a mãe. Há também o grupo de produção artesanal, onde se forma um agrupamento de artesãos, de um mesmo segmento ou diversos, valendo-se de acordos informais para aquisições de produtos e estratégias.

As **organizações em empresas artesanais** se configuram enquanto micro ou pequenas empresas, buscando vantagens comerciais, empregadoras de artesãos e aprendizes remunerados com salário fixo. Enquanto uma **associação**, instituição de cunho privado e sem fins lucrativos, tem por objetivo guardar o interesse dos associados, composta por estatutos, diretoria e assembleias regulares.

Por fim, temos a **cooperativa**, constituída por um número de pessoas variável, unindo-se por alcance de objetivos comuns, no viés artesanal, busca eficiência produtiva, qualidade e competitividade, vislumbrando a otimização e redução de custos desde a aquisição de matérias primas até a venda final dos produtos.

A partir desta exposição sistematizada das composições diferenciadas presentes no artesanato, observa-se a necessidade de estudos e análises das diversas definições encontradas, a fim de se obter uma base conceitual, que propicie aportes teóricos necessários a pesquisas, instituições de fomento, bem como agentes atuantes deste segmento criativo.

As variedades artesanais compreendem um conjunto de bens constituintes do modo de vida de comunidades, cidades, portadores de cultura e histórias locais (SEBRAE, 2010). Expressam para além do momento vivenciado, representando arquétipos repassados no seio familiar ou comunitário, que reafirma a identidade diferenciada presente em cada artesanato.

Portanto, referenciar o leque destas formas, se mostra para além de uma descoberta sociocultural. Demonstra ser imprescindível a articulação destes conceitos para operacionalizar políticas públicas, ações e estudos viabilizadores ao desenvolvimento artesanal, enquanto potencial econômico e sustentável no país, adequando a cada especificidade regional.

2.2.2 Cadeia Produtiva do Artesanato

O trabalho vem agregando, historicamente, a evolução nos modos de desenvolvimento de diversas atividades. No início da civilização, durante o período paleolítico, o ser humano dava conta da totalidade do processo produtivo, no entanto vemos o processo de divisão surgir concomitante à agricultura familiar, onde se define quem cuida do gado, quem cuida dos pequenos animais, quem cuida da agricultura, a mulher que cuida da casa, entre outros afazeres.

Os sistemas produtivos usados até então, não dão conta de administrar a produção na sua totalidade. Com a indústria isso se amplia enormemente, as diversas transformações vão aumentando a complexidade do trabalho, inserindo novas etapas e elos nos sistemas produtivos. O homem vai complexificando os seus processos produtivos, exigindo a tecnificação e

especialização do trabalho, divisão e novas organizações produtivas, entre elas, a necessidade da organização das cadeias produtivas.

Tem-se o desenvolvimento das chamadas cadeias produtivas resultantes, de acordo com Hasenclever & Kupfer (2002), do crescimento de divisões do trabalho e maior interdependência entre os agentes econômicos. Surgindo pelo processo de fragmentação vertical em conjunto com a especialização técnica e social.

Fragata *et al* (2016), especifica cadeia produtiva sendo referente a todas as organizações/indivíduos, direta ou indiretamente, envolvidas na produção, transformação e distribuição de um produto para o consumo. Logo, compreende-se este processo enquanto a oferta de um bem ou serviço posteriormente exposto à aceitação do consumidor final.

As exigências econômicas e sociais têm impactado as relações sociais e instituições, sobretudo as organizações produtivas e suas cadeias. Tendo como necessidade, a reorganização para atendimento das novas demandas emergentes no cenário mundial, para manutenção e permanência no mercado.

Buscar adaptar-se a novas condições, vem sendo estratégia primordial do ser humano frente as mudanças. Portanto, é essencial às empresas, acompanhar as atualizações e forjando seu potencial produtivo com o emprego de técnicas e organizações, possibilitando a eficiência e eficácia de seus processos.

A rica diversidade cultural presente no país, traz em si a possibilidade de desenvolvimento de expressões variadas. Neste eixo temos a presença da Economia Criativa aliada ao desenvolvimento social e econômico local, através de arranjos econômicos movimentados por bens e talentos criativos, agregando a dimensão simbólica e intangível.

Neste meio se concentram setores criativos, onde a Secretaria de Economia Criativa define enquanto atividades produtivas que têm como processo principal um ato criativo gerador de valor simbólico, elemento central da formação de preço, resultante em uma produção de riqueza cultural e econômica.

Estes setores, alguns já assinalados no capítulo anterior, são portadores de uma variabilidade de compreensões, em consonância com estudos específicos realizados nesta área. Contudo, os parâmetros utilizados neste estudo seguem conforme o Plano formulado pela SEC em acordo com a UNESCO, reconhecendo os setores de natureza essencialmente criativa, bem como relacionados e transversais neste âmbito.

A economia criativa transpõem as organizações ditas “tradicionais” de produção, seus modelos econômicos estão em constante transformação, em sintonia as mudanças presentes na

atualidade. O quadro a seguir, evidencia o modelo de desenvolvimento produtivo das atividades criativas.

Figura 03. Dinâmica de Organização e Funcionamento de elos da Economia Criativa



Fonte: Plano da Secretaria de Economia Criativa – SEC.

Dentro deste ciclo de setores, temos o artesanato, sendo assinalado por Fragata *et al* (2016), enquanto uma atividade produtiva, viabilizando a partir de seu processo de criação e realização dos produtos, exaltação dos elementos característicos do lugar, valorizando o desenvolvimento local por meio de seu contexto cultural e social.

É primordial compreender a organização dos processos produtivos das atividades artesanais, afim de delinear as principais fases de desenvolvimento e visualizar amplamente a produção, no intuito de diagnosticar pontos positivos ou negativos proporcionado a construção de estratégias no alcance de melhorias.

Enquanto unidade de análise, a cadeia produtiva será compreendida a partir da visão sistêmica, propiciando uma contribuição metodológica imprescindível à pesquisa. Castro *et al* (1999) traz esta visão relacionando o conjunto de atores sociais, com o propósito de fornecer artefatos culturais e artesanais aos consumidores finais, através da transformação de matérias-primas por meio da criatividade humana, caracterizando assim um sistema denominado negócio criativo.

Neste ensejo, Selmany (1983) destaca a especificidade de sequencias de atividades a diferentes cadeias produtivas. No âmbito artesanal temos operações complementares, desde a

compra e extração da matéria-prima, o processo de fabricação artesanal e equipamento, até a comercialização chegando a distribuição ao consumidor final.

É salutar trazer os atores presentes neste processo, como os distribuidores de insumos, a mão de obra utilizada para desenvolvimento do artesanato, familiar ou contratual, além dos outros sujeitos presentes na viabilização logística, pontes comerciais e outros participantes, organizações e/ ou indivíduos, que de maneira direta ou indireta estão aliados a esta cadeia produtiva.

Farina (1999) evidencia em seus estudos, a necessidade de se analisar as diversas estruturas e etapas de cadeias produtivas, tendo como foco o desempenho competitivo das organizações produtivas, estando ligada ao fator preponderante de duração, sobrevivência e crescimento nos mercados onde atuam.

Pressupõem-se alguns itens fundamentais para a análise destas cadeias artesanais como: Visualização da cadeia de forma integral; Identificação das debilidades e potencialidades; Motivação ao estabelecimento de cooperação técnica; Identificação dos gargalos e elementos faltantes; desenvolvimento de fatores condicionantes de competitividade em cada segmento.

A partir da clareza de alguns dos pontos constitutivos para compreensão da cadeia produtiva do artesanato, elucidados por Fragata *et al* (2016) a luz dos estudos de Heliana Silva, evidencia-se a presença da competitividade, esta vem a ser impulsionada por diversos fatores, dentre eles destacam-se a inovação, Desenvolvimento local e sustentabilidade, agregando um novo modelo de produção com insumos sustentáveis, técnicas tradicionais atreladas ao caráter moderno e criativo de produção.

Há também de se pontuar os elos frágeis presente em uma cadeia produtiva artesanal, Peralta (2005), destaca a capacidade empresarial, a modelagem da produção, a comercialização e o mercado, podendo sua debilidade afetar a competitividade deste segmento produtivo.

As peculiaridades inerentes a esta cadeia tem em sua formação fatores espaciais, políticos, sociais e, sobretudo culturais. Cada fluxo setorial da economia da cultura obedece a características próprias, mas a adoção das melhores práticas de gestão, que agreguem valor à sua cadeia produtiva, se insere nos nossos esforços de desenvolvimento deste segmento. (REIS, 2009)

Por conseguinte, se faz fundamental a compreensão e estudo das cadeias produtivas artesanais, afim de demarcação de suas organizações, possibilitando a apreensão de obstáculos e fomento de soluções otimizadas aos processos, abarcando as fases e caracteres tradicionais as práticas em conjunto com os pontos inovadores de potencialização competitiva e fortalecimento do modelo produtivo artesanal.

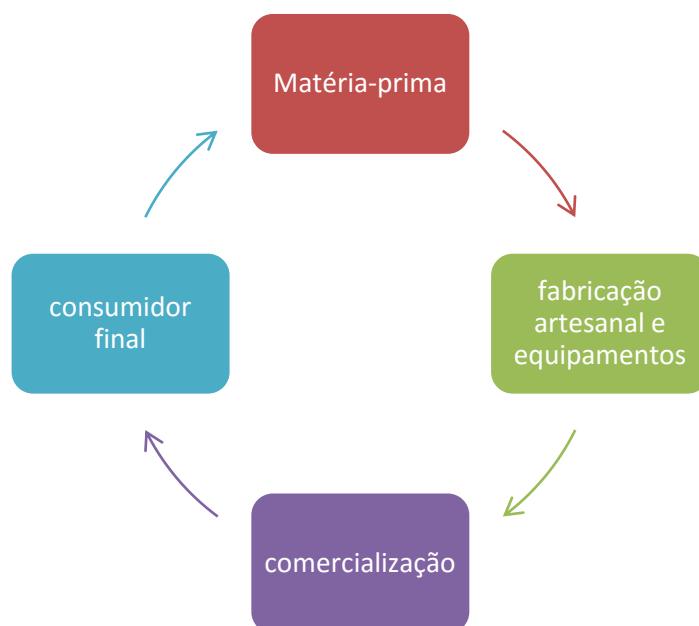
2.2.3 Organização produtiva das empreendedoras criativas, do ramo do artesanato, em Parintins.

Este tópico tem por finalidade abordar a organização produtiva das artesãs parintinenses participantes desta pesquisa. A partir das entrevistas acompanhadas com roteiro de perguntas, alguns pontos foram essenciais para responder os objetivos dessa pesquisa, em especial os referentes às fases e processos presentes na confecção de seus produtos e o conhecimento sobre os elos da cadeia produtiva.

Interseccionam-se nesse ambiente informações relacionadas aprendizagem artesanal, atores envolvidos, organização cotidiana destas mulheres, evidenciando todos estes pontos enquanto fatores preponderantes nesta cadeia. É preciso pensar nesse ambiente enquanto sistema produtivo e suas partes interativas, cuja compreensão e estudo devem acontecer sempre relacionando o funcionamento dessas partes, em relação ao todo (CASTRO *et al*, 2002).

A análise específica à cadeia produtiva será desenvolvida a partir do modelo adotado por Selmany, como mostrado no esquema a seguir.

Figura 04. Dinâmica de Organização e Funcionamento da Cadeia Produtiva



Fonte: Modelo baseado em Selmany (1983), organizado por Prestes (2017).

No que concerne ao tipo de artesanato que produzem em sua maioria as entrevistadas trabalham com confecção de artesanatos de teor decorativos, adornos, acessórios e utilitários (Figura 05). A Artesã 01 desenvolve em seu empreendimento, peças artesanais como colares, pulseiras, brincos, cocares, tiaras, cintos, o seu diferencial é a utilização de matérias-primas como penas e sementes na estilização de roupas, com a inserção de pedrarias, “ultimamente a gente tem trabalhado com luxo, a parte do luxo, trabalhando com grepee, películas, bojo e pedrarias em gerais com furos e sem furos.”.

Figura 05. Representação de artesanatos produzidos pelas mulheres empreendedoras



Fonte: Pesquisa de Campo, 2017.

A artesã 02 tem como principal ramo de trabalho a confecção de cocares, brincos, colares, espetos de cabelos e customização de roupas, utilizando em grande parte, as mesmas matérias-primas da primeira artesã, a empreendedora enfatiza ainda: “trabalho com todos os tipos de cocar que tu imaginar... pra parede, pra decoração, pra tudo a gente trabalha aqui. Eu trabalho com penas, com semente, com um pouco de cada né! (...) customização de roupas, um pouco de cada, tudo eu faço um pouco”.

A artesã 03 tem trabalhado com motivos decorativos e acessórios, colares, pulseira, cocar, lembranças de pássaros, dentre outros artigos artesanais variados. As matérias-primas que mais utiliza na confecção de suas peças são penas, resinas, sementes de açaí, fios de tucun, tintas acrílicas, e demais materiais secundários.

A artesã 04 tem domínio da tecelagem de cestarias, no entanto, há alguns anos tem adotado o desenvolvimento de outras produções artesanais para agregar valores, como brincos, adereços pra cabelos, colares e pulseiras. As matérias-primas mais utilizadas são cipó, sementes, penas, fios de palha trançados, e demais aportes na produção. A empreendedora destaca ainda que desenvolve “o que tiver de artesanato porque a gente, o artesão que é artesão ele não se prende a uma coisa só não... Ele vai em frente”.

Em uma linha similar as outras entrevistadas, a artesã 05 trabalha com artesanato de cunho natural na modelagem de esculturas, e tem agregado também produtos de matérias industrializadas. As peças desenvolvidas pela entrevistada são em maioria, os cocares, brincos, miniaturas de bois e outros motivos amazônicos. As principais matérias primas são madeiras, sementes, penas naturais (picotes) e artificiais, tintas vegetais e acrílicas, borra de café, cuias, escamas de peixes, e outros materiais de porte na confecção das peças.

Referente aos anos de trabalho no ramo, todas as entrevistadas tem experiências de mais de 20 anos no fazer artesanal. As aprendizagens das primeiras técnicas e inserção no artesanato tem vias diferenciadas, para algumas artesãs o conhecimento e produção foram repassados pelos familiares.

Aprendi com o meu pai, meu pai sempre...desde quando eu me entendi, ele já trabalhava com cocar na época era capacete pros boi e meu pai foi também os primeiros tuxauas do Garantido e aí ele mermo fabricava os capacete dele... Naquela época era capacete né! E tudo manual, tudo costurado, hoje em dia usa cola, mas naquele tempo era tudo manual, tudo costurado as pena. Então eu aprendi tudo o que sei, aprendi com meu pai (ARTESÃ 02).

Eu acredito que quando tu queres fazer algo, tu tá determinada, tu consegue, eu acredito que o dom, o talento, ele tá dentro da gente, ele só precisa de uma oportunidade, um momento pra você botar pra fora o que você tem! Quando eu... Eu tinha muito quando eu era jovem... Eu tinha uma coisa assim comigo, que eu acho que vinha da minha família, que a minha família, meus avos, minhas tia, elas teciam muito peneira, paneiro, tipiti, e minhas avós (...)aí eu acho que de tanto eu ver aquilo, eu fiquei aquilo na minha cabeça (ARTESÃ 04).

Estes saberes artesanais podem ser compreendidos à luz da teoria dos arquétipos, enquanto ações, imagens e conhecimentos que nascem da reprodução das vivências sofridas ao longo de várias gerações. Estes são herdados geneticamente dos ancestrais de um grupo, comunidade, etnia ou povo. Os arquétipos são próprios ao conjunto de valores e crenças básicos constituintes do ser humano (JUNG, 2002).

Os saberes artesanais têm sido apreendidos pelas entrevistadas no seio familiar, onde as vivências com estes trabalhos e incentivo da parentela fez com que houvesse o desenvolvimento destas práticas. Segundo Torres (2012), estes etnoconhecimentos vêm de dentro de um grupo, é todo o conhecimento que se possui e cultiva nesta convivência grupal.

Outras artesãs relatam que aprenderam o ofício enquanto oportunidade para agregar renda e tratamento terapêutico contra o estresse, a partir de cursos e oficinas disponibilizados a estas, ou pelos companheiros e conhecidos que já trabalhavam com o ramo.

Foi pela necessidade né! Não foi assim por querer fazer um artesanato! Eu sempre digo assim quando as pessoas vem em casa fazer entrevista né, eles queria assim que

eu falasse assim... Eu aprendi com uma grande... uma grande pessoa que saiba um... sabe as coisa, mas foi mais pela necessidade porque com o meu marido sempre trabalhou na área do artesanato né! Sempre! Sempre ele trabalhou com menores todo tempo com o artesanato, já eu, já vim porque muitas vezes o filho... um filho quer uma coisa pra se alimentar, alguma coisa... as vezes não tem né (ARTESÃ 05).

A gente começou com um curso que teve aqui em Parintins do RENDA MAIS, era mais pra tirar o estresse do dia a dia, aí só que eu gostei, aí eu gostei e continuei, aí passei a colocar ele como uma profissão pra mim (ARTESÃ 03).

O fazer artesanal tem diversos estímulos, Candaten *et al* (2016) destaca o fator familiar, para sustento econômico, o fator de desenvolvimento de uma atividade que possa trazer benefícios ocupacionais, bem como o repasse de ofícios por meio de cursos especializantes inseridos nas políticas públicas de trabalho e renda no País.

No dia-a-dia as artesãs procuram desenvolver suas atividades artesanais concomitantes a tarefas domésticas e cuidados dos filhos. A organização de todos os afazeres é contínuo, desde o acordar até o findar da noite, tendo uma pequena pausa nos momentos próximos ao dormir e descanso.

Em casa a gente tem horário pra acordar, eu acordo as 6 horas que eu tenho que levar o meu filho na escola, já começo né, café da manhã, já... aí acordo, vai acordando de um por um... aí cada um sai, meu marido sai pra trabalhar e eu já começo aqui na minha coisa a trabalhar aqui, aí dou uma paradinha pro almoço tudinho... fazer o almoço tudinho e depois do almoço, continua, as vezes eu faço aqui na cozinha, as vezes quando o dia tá bonito eu faço ali fora na puxadinha né que tem, eu faço ali fora (ARTESÃ 01).

O meu dia é assim... Acordo umas 4 horas da manhã entendeu, aí começo acordar todo mundo, aí quando não acorda, eu começo falar e eu sou muito faladeira e tem o nosso filho aí que nos ajuda muito que é o nosso filho mais velho que sempre no caminho muito legal assim, nos ajuda, ele vem cedo comigo, chama as menina também pra ajudar! Então o meu dia começa às 4 horas da manhã produzindo, a produção é grande aqui em casa (ARTESÃ 05).

Os horários são previamente acertados para que todas as atividades sejam realizadas no tempo viável, onde a artesã possa estar presente em cada momento, desde a produção das peças, preparação de alimentos para a família, acompanhamento das atividades escolares dos filhos.

O equilíbrio necessário entre estes afazeres são cotidianos, estes não estão desvinculados. A família, trabalho e outras tarefas externas estão interligados no dia-a-dia destas mulheres, havendo a necessidade de se manter um diálogo entre as diversas tarefas, atores e dimensões vivenciados pelas artesãs, que influenciam diretamente a cadeia produtiva de sua produção artesanal.

No que concerne à compra das matérias-primas a serem utilizadas na produção, as artesãs procuram comprar parte dos produtos necessários na capital do Estado - Manaus, com o objetivo de reduzir os custos. Também há fornecedores especializados na venda de penas,

sementes e outros, chegando diretamente a estas, oferecendo os materiais por um valor previamente acordado.

As pena, agora ultimamente eu to pedindo de Manaus, lá da Tropical, a gente tem pedido muito de Manaus... o preço lá tá bom agora esse época mas talvez aumente um pouquinho agora pra junho né, no mês do boi, mas agora tá bom pra comprar material... Pena né... eu digo a pena... A pedraria a gente compra aqui memo que tem algumas casas aqui que elas já vendem né(...) não é um preço muito bom mas não tem pra onde correr, o jeito é a gente ter que desembolsar ...Do material, aqui se torna mais caro (ARTESÃ 01).

Olha! Pena, tem um rapaz que todo o ano ele faz um pedido de São Paulo, mês de junho tu tem que tá com a grana no bolso, 2000 mil reais, daí pra melhor, disponível aí quando ele aparece, olha chegou pena, o quilo é... no ano passado foi 500 reais o quilo. Aí tem que comprar, eu trabalho muito com as cores vermelha, azul e branco né e a gente tem que comprar dele (...) o resto da matéria prima a gente adquire aqui mermo na região, tem quem faça o trabalho, fornece pra gente, na cidade ou as vezes manda pedir de Manaus, o cipó aqui na cidade mesmo (ARTESÃ 04).

Para a chegada da matéria-prima as artesãs, algumas se deslocam até os pontos de venda, outras fazem pedidos à capital e cidades no interior ou até mesmo fora do estado. Os principais meios de transporte são barcos, no trecho Manaus-Parintins, e triciclos, quando se necessita pegar um material pesado em alguma parte da cidade, na chegada das encomendas ao porto, ou em outros comércios.

Quando a gente não vai, a gente sempre manda alguém que já tá em Manaus compra pra gente. Aqui em Parintins geralmente não tem um local que diga assim, olha aqui o artesão pode encontrar o que quiser, não tem (ARTESÃ 03).

O preço oneroso pelas matérias-primas compradas na cidade ainda é o ponto principal de entrave a estas mulheres, quando se adotam estratégias para diminuição dos custos, surgem dificuldades no deslocamento para compra dos produtos necessários ao desenvolvimento artesanal.

O processo envolvido na chegada dos materiais, de acordo com Souza *et al* (2011), especialmente na região amazônica, é de novo o grandes desafio no que se refere às características físicas e geográficas, além da estrutura que a região apresenta dificultando a logística de ser empregada da maneira mais eficaz possível.

O armazenamento da matéria-prima é inicialmente pela separação, em cores e tamanhos. Há peças que necessitam de um cuidado maior, para evitar deterioração por insetos, poeiras e temperatura. Ainda que não tenham um local específico para fins de estocagem, criam diversas estratégias para que não haja desperdício e perda das penas, sementes e outros materiais.

Por exemplo, as pena, elas tenham que ser colocadas separadas, porque tem penas que são tingidas e elas mancham uma na outra né, principalmente se suar, então eu ponho elas separadas, em caixas separadas com naftalina, porque a naftalina ajuda a não danificar as pena, pra elas não esturricarem, se deixar elas sem a naftalina, elas criam tipo uma broquinha, e vai acabando, quando a gente dá, tá só poeira, acaba virando um pó, um pozinho, fica toda ruída (ARTESÃ 01).

A gente... Semente pra cada cor de semente a gente tem um depósito em casa né que é separado por cor, a gente vai trabalhando e vai pegando. Aí a resina também ela vem no depósito dela quando a gente vai usar o meu marido tem o outro depósito (ARTESÃ 03).

A gente procura colocar em um lugar assim que num fique úmido né, mas digamos assim, nós não temos um local assim próprio ainda sabe, a gente tá buscando assim ter um local (ARTESÃ 05).

O processo de fabricação artesanal difere nas formas e técnicas, de acordo com o tipo de peça desenvolvida por cada artesã (Figura 06). As entrevistadas desenvolvem diversos tipos de artesanato, tendo também especialidade na produção de algumas peças, que serão evidenciadas a seguir em suas falas.

Figura 06. Representação de produções artesanais de mulheres.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2017.

A artesã 01 tem preferência por desenvolvimento de brincos estilizados com penas, sementes e pedrarias. Cria alguns modelos de acordo com as preferências de clientes, inserindo outros formatos, tamanhos e materiais, aliando assim a criatividade e originalidade em cada peça que desenvolve.

O brinco... a gente começa pelo fio de tucun e o engate né, faço um nó né, no engate de brinco, aí começo a jogar as semente e vou colando as penas, dentro das sementes, porque as semente servem de acabamento pras pena, pra não aparecer aquelas pontinhas, a gente tem que colocar dentro da semente, pros brinco, aí você vai formar do jeito que você quiser, um brinco mais curto, mais longo né, igualmente tiara, tiara também entendeu, você vai formatando ela, tem gente que gosta tiara mais simples, sem muito detalhe, só uma coisinha assim simples né, aí tem gente que gosta de uma

coisa mais exagerada de pena, mais faisão, quer rabo de galo, tem gosto né... cada um tem o seu gosto (ARTESÃ 01).

No ramo de cocares e colares, a artesã 02 tem o desenvolvimento artesanal de base familiar, inserindo a participação de seu marido e filho. Estes desenvolvem a produção em acordo com os modelos idealizados pela artesã, cabendo aos homens formular as bases e a entrevistada o acabamento principal das peças.

Meus cocar né ! Aí já entra meu filho e meu marido nos cocar e a gente trabalha com papelão, arame, cola de sapateiro e muito barbante, aí o que acontece, vai primeiro passa pra ele cortarem o papelão todinho aí depois corta o arame que é tudo feito com arame todinho, aí vão montando, eles montam os cocar tudinho é... eu faço a base, como é que eu quero, aí eu passo pra eles, aí eles já me entrega tudo o cocar montado, aí eu venho pra minha mão pra eu fazer o acabamento, colocar as pena, as grega e o acabamento, eu já faço tudo e vem pra minha mão, então nós somos uma família assim, é aqui mermo, montado os cocar, colar, todos é... no caso, a gente começa a enfiar as semente pra fazer os colar (ARTESÃ 02).

A artesã 03 tem como produção principal os colares, o processo é com base no fio de tucun e sementes de açai, chamburana e tucumã. Os modelos de suas peças variam em acordo com o desenvolvimento do trançado.

(...) esse aqui é o fio de tucun, aí a gente começa a tecer ele depois vai colocando as semente olha, esse aqui eu fiz ontem esse colar aqui, aí pra finalizar ele eu vou colocar penas aqui oh. Eu vou tecendo aqui, depois inserindo as sementes já furadas, Se não vierem furadas, a gente tem que furar... Tem muitas que já vem furadas outras não, aí vai tecendo e colocando as semente até chegar o ponto que eu quero até finalizar a peça (ARTESÃ 03).

No processo de produção das cestarias, a artesã 04 seleciona e prepara todas as matérias-primas antecipadamente, afim de desenvolver um trabalho de tecedura ágil em um tempo menor. Destaca a durabilidade de suas peças, que tem acabamento final que garante a segurança dos seus artesanatos.

Começa pelo processo de selecionar o material, descasco o cipó, e você vai preparar ele de acordo com o que você vai fazer, que a grossura, a largura da tala é depende do que tu vai fazer, aí vai até chegar um ponto final. Vou tecendo. As sementes nesse teção de cipó é mais semente graúda, mas é quando a gente faz um abajur, um lustre, aí exige essas coisas pra botar um diferenciado, mas fora isso é só ele mermo pra finalizar, pra... é no caso a cestaria, o ponto final dele é com verniz, terminou, deu o acabamento tudo, enverniza e pode deixar aí que... só fogo e rato que pode acabar (Artesã 04).

No desenvolvimento de bois em madeira e borra de café, a artesã 05 destaca os processos minuciosos presentes na produção destas peças. Uma equipe se envolve, em diversas etapas básicas, ficando a cargo da entrevistada as partes principais de construção do corpo, escultura e modelagem do artesanato.

O processo do boi a gente tem que pegar a madeira, corta o tamanho do boi que a gente vai querer fazer, marca o boi, marca o tamanho do boi, aí tem o processo de cortar o meio do boi, modelar a parte de trás dele, fazer a cabecinha, aí vai de lá, vai pro fio ou então o chifre, esculpir, a gente esculpi ele todinho, lixa, tem o processo de botar o chifre, botar orelha, aí depois bota o rabinho, é por último, que a gente pinta, depois vem pra mão do meu marido pra pintura, pra mão dos menino pra fazer a orelha. Então é uma equipe, não é uma pessoa só que trabalha no processo do boi... E específico! O boi de massa também é praticamente quase o mesmo processo, mas só que ele não é lixado né, porque é uma massa, pra modelagem! (ARTESÃ 05).

Cada artesã tem o domínio das técnicas e saberes culturais presentes em suas produções, Freitas e Filho (2004) destacam a característica primordial das práticas manuais, ainda que as maquinarias estejam dispostas para atendimento de grandes processos, o fazer rudimentar perdura, aliado ao valor imaterial e simbólico das peças artesanais.

O trabalho destas mulheres é de fino labor, tendo fundamental importância para a economia doméstica e cultural (TORRES, 2005). Ainda que se tenha uma ocupação sobressalente em outros âmbitos da vida social, o manejo das técnicas rudimentares e, repassadas por gerações, se aprimoram e demonstram a habilidade presente em cada peça.

As pessoas inseridas no processo são na maioria, familiares e conhecidos. As artesãs entrevistadas mantêm o empreendimento no campo familiar, e seus ateliês de produção são dentro dos pontos de comercialização e das próprias residências, para que se possa manter o controle das atividades domésticas, familiares e laborais.

Eu trabalho num grupo familiar, é eu, meu esposo, as minhas duas filhas trabalha comigo e me ajuda, minha cunhada, que até hoje fica no balcão ali da frente, que só esse período ela tá batalhando, vê se ela consegue um terreno pra ela, e aí ela não tá vindo nesse período, aí na parte de artes plástica, com pinturas já me ajudando, que uma vez eu recebo as peças do rapaz que faz cru né, aí o meu irmão pinta pra mim. Então nós somos umas 6, 7 pessoas, direto, cada um tem um afazer aqui dentro do processo de transformação (ARTESÃ 04).

A contratação de pessoas ocorre nos momentos de maiores encomendas e demandas para comércio, de acordo com o número de peças tem-se a escolha dos contratados para o trabalho durante um período pré-estabelecido pelas artesãs. Não há um documento para formalizar estes serviços, as pessoas inseridas recebem de acordo com as horas e vendas realizadas.

E nos dias mesmo do boi, a gente sempre tem que ter alguém pra ajudar, na época mesmo do boi, quando se aproxima uns 15 dias antes, eu sempre tenho duas ou três pessoas, porque eu tenho uma pra ficar a disposição só de vender lá na tenda, que a gente tem direito a um box na tenda né, do SETRAB (ARTESÃ 01).

Eu contrato na época do festival né (...) os meus parente, os meus irmão me ajudaram e as vezes eu pego alguém de fora, assim pra mim ajudar, pra entregar mais rápido, mas com certeza o acabamento eu vou verificando um por um pra ver se tá tudo ok (ARTESÃ 02).

Na fase de comercialização, as artesãs, em sua maioria, preferem o modo de venda direta ao consumidor, sem utilização de intermediários e afins. No entanto, ocorrem vendas por encomendas, providas de lojas, instituições e pessoas fora da cidade, e o valor de cada peça é definido de acordo com a quantidade e tipos.

Sim, eu vendo diretamente, eu tenho poucas pessoas que comprem de mim, não intermediário, eles comprem no atacado que chamam né, elas são pessoas que fora daqui do polo aqui, digamos pessoal de Manacapuru, Coari (...) (ARTESÃ 01).

A gente tem uma loja lá no aeroporto né, diretamente também assim, vende assim por encomenda né, quando a pessoa encomenda nossos produtos né, online também, temos uma loja no caprichoso. Parcerias com os bois e as instituições né, assim como SENAC sempre eles tão comprando da gente (ARTESÃ 05).

Sobre os períodos de maior produção/venda, as entrevistadas declaram por unanimidade os meses antes e durante a realização do festival Folclórico de Parintins (Maio e Junho) e a chegada de Navios turísticos (Novembro a Janeiro). A confecção das peças aumentam consideravelmente, afim de sustentar a procura intensa dos produtos pelos turistas e visitantes na ilha. Outras festividades mantem a produção artesanal estável em alguns meses do ano.

É... eu acho que é... agora é... Maio, maio e junho é não tem... uma época que você não tem mesmo tempo. Como eu digo, hoje é... nossa renda aqui é... nossa renda... já era um pouco mais alto porque a gente pega realmente bastante encomenda então... e quando termina o festival. Começa a temporada do navio de turista e eu também trabalho navio de turista, vendendo... aí é o ano todinho trabalhando direto (ARTESÃ 02).

Depois do festival assim, produção agente não para de produzir né, mas sempre dá uma... amenizada um pouco, porque e setembro outubro um período bem calmo, pouca saída (ARTESÃ 03).

Andrade (2015) ressalta o potencial comercial e turístico local do artesanato, pois além de contribuir para a racionalização dos recursos naturais e a preservação da cultura parintinense local, possui um grande potencial para o desenvolvimento turístico e econômico na cidade.

O consumidor final adquire destas artesãs um produto original e diferenciado, uma expressão simbólica e cultural própria dos parintinenses, retratando a criatividade e identidade de seu povo. Lima *et al* (2016) enfatiza o leque amplo de produções artesanais de qualidade, representando os saberes amazônicos, atrelado os princípios da sustentabilidade, tendo a criatividade do artesão como motor de propulsão para a contínua inovação em seus produtos.

Cada artesã entrevistada tem peculiaridades nos seus empreendimentos, fazer artesanal, os processos de produção, peças, formas, etapas, acabamentos e materiais são diferenciados. A cadeia produtiva encontra-se com entraves que tendem a diminuir a eficiência e qualidade do trabalho destas artesãs, com a dificuldade de obtenção dos insumos, ausência de locais próprios para armazenamento e estocagem dos materiais e a sazonalidade nos períodos de comercialização, dentre outros fatores.

No entanto o que se engloba nestes fazeres é o valor agregado em seus produtos, o destaque folclórico presente na arte manualmente confeccionada, a idealização de produtos com matérias-primas rústicas, regionais e biodegradáveis.

Estas características artesanais e estratégias adotadas nas produções é ponte para se repensar a reorganização produtiva destas mulheres, no caminho direcionado a um sistema de fortalecimento, apoio e cooperações mútuas. Onde se desenvolveriam um conjunto de estratégias e possibilidades na melhoria e ampliação destas cadeias artesanais.

2.3 AUTOPOIESE: O CICLO SISTÊMICO DA VIDA

Compreender as fases vivenciadas pelo ser humano tem sido uma questão estudada por anos. Quem somos? O que nos movimenta? O que impulsiona os ciclos da vida? São questões que perpassam por uma gama de conceitos e teorias. No entanto as ciências de caráter cartesiano tendem a fragmentar os objetos e, por conseguinte, estas relações humanas em estudo, descaracterizando seus contextos e antecedentes.

Para Morin (2015), pelo conhecimento científico, em tempos hodiernos, é concebido pelo dever de dissipar a aparente complexidade dos fenômenos, revelando a ordem simples que estes obedecem. Entretanto esta simplificação do conhecimento mutilam as realidades ou fenômenos que tratam.

Neste sentido, estaremos abordando, a luz da teoria da complexidade sistêmica, as interações humanas e suas dinâmicas. Por meio destas teorias que buscam evidenciar os processos, justificando a nossa humanidade e racionalidade. Este estudo abre caminho ao encontro da autopoiese, possibilitando uma compreensão inicial sobre o ser e a construção do seu viver.

Na perspectiva do pensar complexo, caminha-se hoje para um conhecimento aberto, onde não haja uma separabilidade entre os objetos. As ciências deterministas tendiam a proclamar os procedimentos empíricos-rationais, guiados pelos princípios de separação e ordem. Este cariz determinista não possibilitava a compreensão ampla dos fenômenos na cotidianidade.

Santos e Hammerschmidt (2012) trazem esta crítica ao modelo cartesiano de conhecimento, enquanto mola propulsora a este paradigma novo, a complexidade sistêmica, tendo como seu expoente principal, as teorias e compreensões postuladas nas obras de Edgar Morin.

A complexidade é entendida, nesta perspectiva, derivada do termo *complexus*, “o que é tecido junto”, um tecido constituído de partes heterogêneas, associadas e inseparáveis. Exprime o paradoxo do uno e múltiplo, é o tecido de acontecimentos, interações, retroações, determinações, acasos constitutivos deste mundo fenomênico (MORIN, 2010).

Neste sentido, vemos a realidade para além de um fragmento de objetos e fenômenos, para além desta condição, o paradigma da complexidade instiga o pensamento amplo, promovendo um olhar para as mais diversas relações interconectadas no tecido biológico, cultural, histórico, econômico, político e social.

Neste sentido, a complexidade, distingue e analisa, pautando-se na busca de estabelecer a comunicação do todo e as partes, sem sacrificar um ao outro, contemplando contradições, ordens e desordens. A visão poliscópica deste paradigma permite a comunicação das diversas dimensões (PADERES *et al*, 2005).

Edgar Morin destaca a necessidade de se construir um novo paradigma, com novas epistemologias, de forma a abarcar a associação entre as diversas relações entre as dimensões do problemas sociais, ambientais postos em sociedade, enquanto fenômenos complexos, fomentando propostas e soluções. A partir desta união, operam-se as diferenciações necessárias a cada contexto, situando num conjunto/sistema em interação com o todo planetário. (MORIN, 2010)

Estas novas propostas de se quebrar paradigmas na construção de novas epistemologias são fundamentais para compreender o sentido das relações humanas no cenário contemporâneo, onde se tem uma diversidade de situações/problemas ocorrendo de forma unificada, sendo necessária sua compreensão pelas vias da complexidade.

A reforma do pensamento vem, desta maneira, enquanto alternativa, afim de compreender o sentido das relações humanas. Saindo da esfera reducionista de âmbitos desconexos, onde as diversas áreas de ciência, como a filosofia, sociologia, psicologia, biologia estão sendo trabalhadas de forma desassociadas. Frente a essas fragmentações é preciso retomar uma nova compreensão de ser humano e sociedade, onde diversas áreas possam dialogar, constituindo uma nova ciência inter-trans-disciplinar.

É preciso compreender o ser humano diverso e ao mesmo tempo é unidade, único, e deste princípio parte o paradigma da complexidade, Carvalho (2010) evidencia a originalidade sapiential, construída pelo e durante o processo de hominização, a qual associa o caráter físico e metafísico, natural, meta-natural, cultural e meta-cultural, de todo o ser humano em sua relação com o ambiente vivido.

Desta forma não se tem uma dimensão estritamente biológica, mas é pensado o ser humano nas suas diversas dimensões cosmo-psico-bio-antropossocial. No entanto, não está no seu ápice de desenvolvimento, pela continua transformação a que está submetido.

Dentro desta perspectiva de um ser complexo, Morin ainda afirma a formação da humanidade composta por pluralidades e justaposição de trindades, como: indivíduo/sociedade/espécie; cérebro/cultura/espírito e razão/afetividade/pulsão (SILVA, 2015)

Estes grupos, compostos por macroconceitos, são inter-relacionais, organizados e sistematizados. Não se pode pensar o indivíduo sem compreender a sociedade e espécie, isso ocorre da mesma maneira entre as outras trindades. A presença dialógica e recursiva entre estes grupos é parte inerente no apreensão da complexidade sistêmica.

Neste sentido, o ser humano encontra-se inserido numa rede de interações e retroações, no ambiente, vivenciando diversos processos e deles sendo parte, num todo complementar e necessário ao funcionamento de todas as relações (CARVALHO, 2010).

O ser humano é um sistema fecundo, Morin (2015) mostra este ser enquanto associação combinatória das diversas dimensões biológicas e sociais. Uma unidade complexa, “um todo que não se reduz a soma de suas partes”. Complexo, autônomo e interdependente. Ou seja este vem a ser determinado e determinante do todo que o engloba. Para além de um corpo afetado, o ser tende a participar do ambiente, assim como o ambiente é parte do ser e, sem ele, não está completo.

Portanto, pensar a complexidade humana requer complexificar o nosso modo de compreender, Roger (2015) evidencia a necessidade de se entender o macroconceito, abarcando o imutável e, sobretudo, o dinâmico, as mudanças em seu fluir constante. De maneira organizacional, associar conceitos simples ou atômicos, chegando estes, por vezes, a serem opostos.

O ser humano não pode ser relegado somente à cultura ou afetividade, ocorrendo esta simplificação, tem-se a dissolução da complexidade, como também o SER do humano (ROGER, 2010). Todos os elementos tem ligação, contribuindo na produção e regeneração dos demais.

Nesta perspectiva, Edgar Morin evidencia o indivíduo integrado aos macroconceitos, sociedade e cultura, com esta associação, temos a possibilidade de pensar o ser humano num panorama amplo e complexo, não deixando que nenhum elemento da tríade seja sobreposto sobre outros. (SILVA, 2015)

Esta rede de relações/interações diversas, o sujeito é pertencente e autônomo. Faz parte destas redes, e, sobretudo desenvolve-se em meio a estas relações cotidianas. Carvalho (2010) ressalta a auto-organização diante das esferas *bio-psico-sócio-cultural*, deixando de ser mero vivente e produzindo relações vivas e mutáveis.

Além referenciar-se enquanto ser, constrói-se enquanto sujeito a partir da reorganização desenvolvida nele e no ecossistema está inserido. Este movimento contínuo, organizatório e recursivo, resulta em causas e efeitos de interação mútua, constituindo assim a *autopoiese*.

A *autopoiese* é compreendida como a realização do viver dos seres, em sucessiva produção de si mesmos. Um contínuo transforma-se num devir histórico, o fluir dinâmico de mudanças recursivas, ocorrendo em um organismo seja internamente um por meio de relações externas, independentemente do grau de complexidade existente (MATURANA & YÁÑEZ, 2009).

Esse fenômeno característico da *autopoiese* indica um processo de transformação contínua dos seres vivos no seu processo de re-criação, re-organização, de acordo com as influências do ambiente vivido. Nesse aspecto pode-se dizer que o ser, incluindo as artesãs pesquisadas, é parte de um todo artesanal, familiar, feminino, mas também é um todo enquanto ser vivo, estando num movimento constante de auto-eco-organização.

Azevedo (2013) compreende este processo auto-organizado presumido por trocas, intercâmbios e relações contínuas entre demais elementos que podem vir a fazer parte dele e do meio ambiente, podendo caracterizar assim um sistema autopoietico.

O termo *autopoiese* deriva do grego *poieses*, que significa produção, neste sentido a *autopoiese* significa a autoprodução do ser ininterruptamente (MATURANA & YÁÑEZ, 2009). Este processo incessante de via-a-ser humana, porta estados diversificados de interação, ordem e desordem, frutos da não linearidade constituinte desta relação.

A *autopoiese* desencadeia no ser vivo uma autorregeneração espontânea, um contexto fomentado por funcionalidades e disfuncionalidades, não chegando a descaracterizar o arranjo sistemático deste. Contudo, estas interações nutrem-se de acasos, tensões, contradições e erros que tendem a reordenar neste conjunto complexo (CARVALHO, 2010).

Esta dinâmica de relações é determinada pelas ideias de ordem – desordem – reorganização. Este movimento recursivo acompanha as vivências dos seres, levando a sua transformação, em conjunto ao ambiente no qual esteja inserido, em profunda interação, configurando o todo.

De acordo com Maturana e Yáñez (2009), nada ocorre sem coerências, mas em ordem espontâneas, sem deslocar-se do sistema autopoético, há uma trama de relações e processos, resultando na configuração de uma dinâmica própria ao nosso viver. Inexistindo uma ordem

preestabelecida, ou fins em si. A conservação do viver se dá a partir destas diferentes e infinitas configurações.

Somente por meio destas interações e organizações temos a possibilidade em desenvolver inter-relações, combinações, associações, além de permitir que a desordem adentre. Não temos uma desconexão entre os conceitos de ordem e desordem, mas sim há uma relatividade entre ambos, completam-se, proporcionando evolução à complexidade dos organismos.

Nesta pesquisa a compreensão da complexidade e organização autopoietica se faz imprescindível, frente aos âmbitos de formação biológico, psíquico, social e cultural inerentes a cada artesã em seu ambiente vivido (trabalho e família). Estes aspectos são bases para os seus ciclos de vida e conservação de suas vivências.

2.3.1 *Autopoiese* das artesãs empreendedoras no município de Parintins

Para compreensão da *autopoiese* de mulheres artesãs do município de Parintins, foram realizadas entrevistas com abordagem sobre idade, estado civil, a organização diária do fazer das mulheres, entre o trabalho, família e suas necessidades pessoais, os cuidados com a saúde, momentos de lazer, como conservam os saberes e as relações conjugais frente às atividades artesanais.

A faixa etária das artesãs entrevistadas se estabelece entre a menor idade, 39 anos até os 53 anos, sendo que mais da metade de suas vidas são dedicadas ao ofício artesanal como enfatiza a artesã 05 “olha, muitos anos... tem mais de 20 anos a gente trabalhando com artesanato”. Portanto prevalecem nestas mulheres, anos de experiência no ramo, leva-se em conta a influência familiar inicial e procura por fontes de renda.

O dia-a-dia destas artesãs é desdobrando-se entre produção artesanal, filhos, marido, tarefas domésticas e cuidados pessoais e atividades externas. A divisão de horários, como já destacado na cadeia produtiva, é dedicado e corrido, para que não se perca o tempo necessário em cada tarefa. A correria cotidiana leva as entrevistadas a reconhecer a dificuldade de se conciliar estes diversos momentos.

Ai não é fácil! Ainda mais quando tem as aulas do Cetam pra dar ainda (...) ai o nosso dia é mais corrido aqui em casa, porque tudo tem que ser mais cedo pra que eu teje na hora né, no horário né... que a gente tem um horário pra chegar, a gente tem que chegar 15 minutos antes dos aluno pra poder arrumar a sala pra esperar, então aí o dia já muda, a gente tem que adiantar as coisa, o almoço, tudinho, se ocupar mais cedo...aí as vezes já tem gente aqui em casa esperando encomendar camisa, aí tira medida, ai

tem que mandar pra costureira pra mandar fazer, depois volta aqui pra mim pra dá inicio na... tem tudo isso (ARTESÃ 01).

Aí, eu tento fazer um pouco de cada né! Logo cedo eu cuido da casa, como eu te falei sempre tem uma pessoa que me ajuda, mas eu gosto mermo é de cuidar eu né!... Cuido de casa e pra banda da tarde eu começo a produzir os meus... vou até a noite, mas quando vai chegando ao próximo festival eu no caso, começo de manhã das 6 da manhã, levanto só pra almoçar e rápido já começo vou até 10 horas da noite, 11 horas da noite trabalhando direto (ARTESÃ 02).

Os meus filhos não tenho mais nenhum comigo, que todos já casaram, já tenham sua profissão, meu filho mais caçula tem 19 anos já está em Manaus... e eu acordo cedo, pois tenho que cuidar da minha casa, do meu trabalho e do meu marido né? Ai eu tenho que acordar cedo, 06 horas já tenho que estar de pé, fazendo as coisas, eu saio daqui às 11 horas e ainda vou fazer almoço, é uma correria... e a noite ainda vou pra minha igreja (ARTESÃ 03).

Esta organização diária desempenhada pelas artesãs não tende a ter divisão entre os diversos afazeres, Moigne (2015) explicita que esta forma de religar as ações é própria dos sistemas autopoieticos. O ser artesã se forma e transforma a partir de todas as ações desempenhadas diariamente, de uma maneira a manter, religar e produzindo novas ações.

Torres (2015) evidencia a consciência feminina em se desenvolver um sistema integrado e harmonioso entre homens/mulheres/filhos/trabalho. As ordens e desordens que se projetam no decorrer do dia geram reflexões, promovendo a reorganização familiar e laboral, como destaca a artesã 05.

Aquela coisa, mas a gente já somos organizados porque pra quem trabalha com mais de 1000 peças ela tem que ser organizada né? tem que saber o que ta fazendo pra depois não dar errado... é como muitas vezes a gente faz muito produto, as vezes não dá tempo de dar acabamento porque a gente fica muito atarefado com uma coisa... aí vem pessoas pedir encomenda olha...esses passarinho né... foi encomenda, a gente perdeu 4 dias do nosso dia de trabalho, mas isso não importa porque eu digo assim, que a gente trabalha com artesanato, é nossa vida, a minha filha diz assim, mamãe a senhora não pode tá pegando tanta encomenda porque e o festival? Eu digo, minha filha, é dessa encomenda que a gente come todo o dia, porque nós somos artesão, então, eu não trabalho assalariado, eu digo, ninguém trabalha... Então a gente tem que produzir pra poder comer todo o dia (ARTESÃ 05).

A vida das entrevistadas é dirigida pelo ser mulher, estas gerem as atividades e seus empreendimentos para que possam ter os recursos financeiros para a manutenção das necessidades familiares. Reconhecem-se enquanto provedoras, necessitando sempre desenvolver novas estratégias e esforços para manter os suprimentos diários.

A divisão social e sexual do trabalho presente historicamente, e perdurando, na vida social das mulheres vem se transformando paulatinamente. Dentro do contexto neoliberal a inserção da mulher no mercado de trabalho, ainda que precariamente, forja as lutas femininas para quebra de desigualdades. Uma destas se dá a partir da autonomia e liderança

empreendedora, o artesanato é uma porta estratégica para esta expressão de inserção e crescimento das mulheres econômica e socialmente. (GOMES; CARLOTO, 2010)

A renda adquirida por meio do artesanato supre, em partes, a necessidades individuais e familiares. Enquanto o fazer artesanal é única via de sustento para uma entrevistada, outras dizem procurar outras formas de adquirir mais renda para manutenção das despesas da casa e filhos.

(...) aqui nós compramos essa casa, tu vê que é uma casa grande, tem uma loja lá... Eu... tudo o que nós conseguimos foi com artesanato, tudo tudo tudo, os estudos dos meu filho tudo foi com artesanato, assim, a gente mandando pra fora pra pagar os estudo esse negócio. E graças a Deus, hoje a minha filha é formada, tem duas faculdades né, aí os meninos tudinho... Então, eu... Tudo que eu posso te dizer que é a gente conseguiu tudo com o dinheiro de artesanato até hoje (ARTESÃ 02).

(...) opção que eu tenho aqui é a artesanal também, que eu faço minhas garrafadas de jenipapo né, faço licor, então isso, a opção que eu tenho aqui, mas trabalho, trabalho fora assim a gente não tem assim trabalho fora (ARTESÃ 05).

Olha! Se eu fosse depender só do artesanato, com certeza não! Porque eu tenho uma filha de 20 anos que faz faculdade, ela tá fazendo faculdade de letras, e você sabe quem faz faculdade é demanda gasto, eu tenho gasto com elas, tem dias que tu olha, tem dias que não tem venda (...). Quem ajuda É o meu marido! Que ele já foi funcionário do estado, ele é uma pessoa agora aposentada já por tempo de serviço, é uma renda que vem dele! (ARTESÃ 04).

A colaboração dos companheiros e outros familiares é uma das estratégias de manutenção econômica. A participação de todos os membros seja no trabalho ou de outras maneiras é essencial para continuidade da produção artesanal e familiar, onde todos fazem parte das dinâmicas produtivas.

Castello Branco (2011) destaca a flexibilização do trabalho como fator excludente, impulsionando a sociedade a buscar alternativas de subsistência e sustentabilidade, o que pode ser visto na busca das mulheres, por estratégias para se complementar a renda, e este contexto reflete diretamente na família.

No que tange a conservação do saber artesanal, as entrevistadas demonstram preocupações no repasse destas práticas, principalmente para os familiares. Na ausência de interesses por parte destes, são solícitas a repassar os conhecimentos a outros que tenham empenho na aprendizagem do artesanato.

Acho que todo ano chega um amigo ou uma amiga e diz assim, ai eu tenho uma pessoa lá em casa, eu tenho uma filha, tem uma sobrinha que queria muito aprender, tem como ela vim, não precisa pagar nada, mas só pra ela vim, aprender, né, que ela tem vontade de aprender, tá manda que eu ensino sim, e várias dessas que já aprenderam aqui comigo hoje em dia já tem seu próprios negócios e é muito bom quando a gente passa alguma coisa, que ensina (ARTESÃ 01).

Eles [filhos] não quiseram aprender, eu tentei, elas não quiseram, eu tenho dois filho homem e duas filha moça né, mulher, aí mas nenhum deles se interessaram assim(...)porque pra te aprender o artesanato tu não vai só num dia olhar que tu vai aprender, não tu tem que tá lá, é dia a dia. Tem que trabalhar no dia a dia, porque só de olhar tu não aprende (ARTESÃ 03).

A conservação do saber artesanal tem sido ameaçado no seio familiar, o repasse de geração a geração é um caráter peculiar ao fazer manual. Tem-se como herança, aquela arte, e esse conhecimento torna-se parte da identidade de cada ser pertencente ao grupo. Alguns fatores determinantes são: o surgimento de outras possibilidades de remuneração e inserção ao mercado de trabalho, em vista do artesanato ainda ser entendido com trabalho informal, e a falta de estímulo às novas gerações por aspectos culturais, históricos, sociais das gerações anteriores. (FERREIRA, 2014)

O cuidado pessoal destas artesãs é ação indispensável à conservação de suas vidas, não se pode pensar o trabalho dentre outros afazeres sem a manutenção das condições bio-psico-sociais das mulheres. Neste sentido, as entrevistadas foram indagadas sobre as estratégias que desenvolviam para cuidar da saúde e bem estar, sendo evidenciadas nas falas a seguir.

(...)eu já trabalho tanto anos, já peguei duas pneumonia por cola, eu já tive duas pneumonia química devido a cola que eu trabalho. Essa cola aí... essa fumaça que... que sai da máquina e isso aí me deu...fez eu ter problema de pulmão, eu tive em Manaus por causa disso e eu sou proibida do médico a não trabalhar mais com pena, nem com cola, mas eu não consigo viver sem as pena. As vezes eu digo assim, ai eu vou parar... num vou, mas eu acho que artesanato é minha vida, eu gosto de criar minhas coisa, eu acho que... não dá (ARTESÃ 02)

Olha eu, cuido com remédios caseiros... a gente vai no hospital, pra gente pegar um atendimento demora, então da farmácia vende tudo pra gripe, uma etilenol, paracetamol, multigripe e resolve, você não vai mais no hospital passar a manhã todinha e ainda piora mais(...)então era melhor você tomar a sua medicação que você já sabe (...) o que eu faço mermo é andar de bicicleta, eu acho que é isso que me ajuda (ARTESÃ 03).

Ai, é muito difícil assim sabe... pra mim tratar da minha saúde, agora eu to...eu procurando assim, me cuidar mais, porque é muito difícil se a gente como... a gente trabalha eu... eu foco muito assim o trabalho, mas que eu vejo assim que eu não posso sabe... eu fui no fisioterapeuta né, que eu tenho problema sério de bucite aguda, ela disse pra mim, você quer parar essas dores todinho? Então tire 6 meses de férias!! Eu digo pelo o amor de Deus! (ARTESÃ 05).

A saúde destas mulheres é posta em contramão ao fazer artesanal, no entanto vemos a preferência de manter o ofício, ainda que este venha a afetar negativamente a manutenção de seu corpo. Algumas estratégias para tratamento centram-se na medicina natural, os chamados remédios caseiros são preferência para cuidados domiciliares, evitando enfrentar a precariedade dos serviços de saúde ofertados no município e afastamento do fazer artesanal.

Silva (2015) ressalta o conhecimento do ser mulher em relação ao funcionamento e por meio de sinalizações do organismo, na saúde e na doença. As artesãs utilizam o arcabouço de conhecimento empírico, resultante das experiências repassadas entre as diversas gerações, a partir da utilização de plantas curativas, puxações e outros saberes tradicionais.

Referente à conciliação das atividades cotidianas com os cuidados pessoais das artesãs, observa-se à organização do fazer artesanal para que se possa ter uma preocupação estética, tempo com os companheiros e família, evitando o conflito entre estes âmbitos.

Aí só com a ajuda das minhas filha, as duas que são mais velha e elas já me ajudam em certas coisa, quando eu tenho que ir no medico, elas que assumem esse negócio de cozinha né . Ah, eu dô um jeitinho, principalmente no dia de domingo, dia de é pra mim, pra mim cuidar da minha unha, do cabelo, da massagem (ARTESÃ 01).

(...) por isso que eu já dei essa parada né, porque antes era muito corrido, aí eu já... tanto que eu acordo cedo, faço as coisa, tomo café com o meu marido, a gente toma café junto, a gente almoça junto, por causa do tempo que a gente sabe administrar hoje em dia, porque senão era naquela correria, tomar café correndo, almoçar correndo, não! Agora não! A gente toma café junto, a gente janta junto, então... aí eu tenho os meus compromisso na igreja e eu conto com eles (ARTESÃ 03).

O estresse durante as atividades artesanais é destacado na fala de algumas artesãs, por motivos de tensões e ações surgidas no cotidiano, levando a um abalo no foco de seus ofícios. Neste sentido, uma das estratégias para manter o controle frente a estas desordens é o recolhimento do trabalho por uns momentos, procurando a concentração e reordenamento frente as dificuldades vivenciadas diariamente.

(...)pra fazer artesanato eu tenho que tá legal, me acordar, tomar aquele café, sentar na minha mesa sabe, e fazer minhas coisa eu acho legal, mas se acontecer alguma coisa no dia a dia assim, aquele dia que deu errado alguma coisa, eu paro! Eu não consigo fazer artesanato com a cabeça cheia (ARTESÃ 02).

Às vezes eu fico muito estressada, porque a gente tem que se controlar porque já pensou em uma pessoa que trabalha numa grande empresa, toma conta de tanta coisa, ele tem que saber se controlar, aí eu tenho que me controlar, claro que a minha empresa é pequena mas, muitas vezes a gente trabalha com jovem, trabalhar com jovem é muito difícil muitas vezes sabe, mas eu consigo assim! (ARTESÃ 05).

Na percepção de outras artesãs, o fazer artesanal tem poder terapêutico, gerando bem estar, além de manter o foco e motivação na continuidade das peças, na apreciação e reconhecimento de um produto final de qualidade.

(...)isso aí é tipo uma terapia, é prazeroso porque é uma coisa que eu gosto, tanto que antes eu trabalhava de cozinha, eu trabalhei dez anos de cozinheira mermo, e eu deixei pra mim trabalhar com artesanato porque era uma coisa que eu gostei, o tempo passa tu não te estressa entendeu, claro que uma hora bate o cansaço né (...)mas não assim que seja uma coisa, ai eu to trabalhando forçado eu to estressada eu não quero mais fazer isso, não! (ARTESÃ 03).

(...) sabe tu começar isso aqui e tu querer o final disso daqui, o trabalho pronto e acabado, é aquela adrenalina que tu tem sabe, aquilo te impulsiona, aquilo te trás aquela vontade de ver como é que vai ficar (ARTESÃ 04).

Nas percepções de Castello Branco (2011) para muitas artesãs, o trabalho com o artesanato não se caracteriza como labor, mas como satisfação, algo que seja considerado como útil para o cotidiano e como uma espécie de terapia. Neste sentido, o ser mulher tem sua subjetividade emocional e pessoal recriada nesta prática manual, para além de uma ocupação meramente econômica.

O lazer tem sido um momento de descanso do trabalho, propondo atividades familiares diversas, que proporcionem um momento de interação da artesã com filhos, companheiros e parentela diferenciados das relações laborais e domésticas. O dia da semana que se tem preferência é o domingo, tido como sagrado, reservado a passeios e sem produção artesanal, especial para entretenimento, como exemplo o momento cultural em festas e outras opções.

A gente tem, mas é raro assim, a gente não é muito de sair com o marido não, então com o tempo que a gente tem, a gente quer descansar né, a gente quer deitar, assistir um bom filme, só tem tempo pra nós mermo, fazer uma alimentação diferente, uma merenda diferente, a gente sempre faz isso, dia de domingo é pra isso, quando a gente não sai pra almoçar em outro lugar né, passar o dia com a família, aí a gente fica aqui em casa, aí eu já faço uma alimentação diferente né, uma coisa melhor (ARTESÃ 01).

Tem! Justamente domingo (...) aí já que os meu filho já tem a família deles, aí quando eles almoço em casa, a tarde eles já vão pra casa deles, aí se eles tiverem alguma coisa com a família né, já fazem, aí fica só eu e meu marido, aí quando dá pra sair domingo, a gente sai domingo, de tardinha pra dar uma volta, tomar tacacá, fazer alguma coisa (ARTESÃ 03).

Olha, geralmente a gente sairia né, olha domingo não vai dar né, eu sairia pra passeio, conseguia barco e ia andar por esse beirada com a criança, com os meus filhos, final de ano também né, aí depois do festival(...) se eu não conseguir essa meta, fico devendo pra eles, não teve passeio tá, quando chega mês de julho, tudo o que eu arrecadar naqueles dias, é pra levar eles durante os período da festa da Nossa Senhora (ARTESÃ 04).

Neste sentido o lazer vai para além de um tempo separado pelas mulheres, mas é parte inerente as estratégias de manutenção da saúde destas artesãs, em conjunto a suas famílias. Corroborando, em acordo com o preconizado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), a compreensão do conceito de saúde ampliado, que não se relega à ausência de doenças, mas compreende o bem estar físico, mental e social.

Sobre o estado civil, todas as entrevistadas são casadas, e com seus companheiros tem cerca de 3 a 7 filhos na família. As relações conjugais têm sido destacadas pelas entrevistadas como conciliáveis frente ao trabalho artesanal. Seus companheiros têm compreendido e apoiado

às atividades que desempenham, procurando colaborar em diversos momentos da produção de peças, comercialização e atividades domésticas.

Normal, ele tem o trabalho dele, eu tenho o meu, tudo a gente consegue junto e... Apoia! E muito! Às vezes assim, eu tô muito ocupada aqui e aí as vezes eu tenho alguma coisa pra mim entregar... Meu Deus eu tô aperrada no caso... pra entregar um trabalho e aí eu pergunto se ele pode me ajudar no outro dia que ele tá de folga... Eu te ajudo sim !!! Ele sabe né, que aqui fica tudo aqui em casa, tudo o que eu ganho é pra gente mesmo... mas ele me apoia em tudo Graças a Deus! (ARTESÃ 02).

A gente aprendeu a separar, no horário de trabalho é de trabalho, as vezes ele quer ficar lá, eu digo, não! Deixa aí vem já! Porque tem o barracão e tem a nossa casa né que é aonde a gente trabalha (ARTESÃ 03).

Ai, ele tem muita paciência comigo! Sabe, a paciência dele é imensa que as vezes eu fico até pensando sabe assim, mas a gente procura assim, nós somos muito assim, cúmplice do nosso trabalho, a gente conversa muito sabe, que hoje em dia a gente sabe assim é. entender um ao outro (ARTESÃ 05).

A compreensão masculina frente à inserção de mulheres empreendedoras no mercado é uma mola propulsora para a desmistificação do papel social feminino destinado somente ao âmbito privado (casa e família). As artesãs têm demonstrado autonomia e potencialidade para grandes negócios criativos, geradores de economia sustentável e desenvolvimento cultural em diversas áreas artesanais.

Maturana e Varela (2009) evidenciam a necessidade de se descartar estas diferenças sexuais, geradoras de discriminação, violências, apoderantes dos viveres alheios, promovendo o caminho de um viver e conviver mútuo e ético. Onde o respeito de todos, sobrepõe e desfaz as ideologias de poder.

Sobre a existência de relações com outras artesãs (os), algumas entrevistadas relataram o convívio sem problemáticas, inclusive a participação em associações, cada um tendo suas vendas e produções sem afetar os outros. No entanto sinaliza-se em algumas falas o descontentamento de algumas mulheres em relação a qualidade dos produtos de outros empreendedores.

É sim!!! Meus amigos de lá da associação, eu tenho... não tenho nada contra ninguém, eu acho que Parintins tem uma classe muito grande de artesões, artesões bom mesmo, diversificados, e... eu acho que todo mundo trabalha bem, porém eu acho que tem que melhorar bastante é o acabamento de alguns né!! (ARTESÃ 02).

(...) é bem, sempre tem assim alguma rivalidade assim em relação a venda essas coisas, mas nada de prejudicial. Cada um faz a sua venda, bota o seu preço, tu não vai ficar lá... Olha tu tem que vender, tu tá errado, Não! Não tem isso não! A menina coloca o preço dela, a outra a outra... Não tem confusão não! (ARTESÃ 03).

Olha, aqui a gente não... aqui a gente não...tem assim aquela dinâmica com outros artesões assim muitas vezes porque sabe, é muito triste assim, muitas vezes eles, eles não querem sabe assim, não querem as ideias sabe, hoje se você for assim, muitas vezes tem artesão por aí que eles são assim, que eles só querem é... eles só querem é...

fazer um trabalho de qualquer jeito sabe (...)então é difícil a gente ter uma relação assim com outros artesões assim, porque eu sou uma pessoa muito exigente no meu trabalho (ARTESÃ 05).

Perante a ausência de uma comunicação entre as diversas trabalhadoras e trabalhadores no ramo, verifica-se uma organização em cadeia, desprovida de interações produtivas. Neste sentido Lima *et al* (2016) destaca a importância de se pensar as produções artesanais numa perspectiva organizadora sistêmica, fundada em valores onde a justiça social e solidariedade humana entre as artesãs possa prevalecer.

Desse modo pode-se pensar a cooperação e trocas de experiências entre as mulheres, proporcionando maior interação e compreensão de diversas possibilidades criativas. Além da união e sustentabilidade do grupo na busca por insumos economicamente viáveis, métodos mais eficazes, dentre outras relações positivas as diversas produções do artesanato.

Tangente à forma como adquirem as ideias e inspiração para desenvolver seus trabalhos, algumas entrevistadas afirmam que as formas e desenhos surgem instantaneamente, no decorrer do trabalho, ou nos momento de repouso em horários específicos surgem belas criações artesanais.

Ai eu digo assim... mas vem tudo assim na hora !! Na hora que eu sento, que eu começo a separar as pena, as semente, as pedraria... eu começo.. eu vou fazer a tiara, eu começo a montar, aí a minha filha diz, tá bom já, porque se depender de mim, eu quero encher, quero botar, pra mim.. eu gosto de exagero assim, meu materiais, no trabalho em que eu faço. Eu gosto de perfeito, coisa perfeita (ARTESÃ 01).

Tu quer saber onde é? Vou te falar !! É quando eu vou deitar, incrível isso, aí fico pensando, vem aquilo na minha mente... um modelo de uma tiara... sabe aquela tiara tal...eu posso mudar ela, eu posso fazer outro modelo, aí no outro dia cedo eu levanto, eu digo, vou ter que fazer essa tiara e... e assim, daquilo é na mente assim sabe, vem na tua mente aquela coisa, como é que tu vai fazer uma coisa (...) então é, eu acho assim que tudo é cabeça, eu to te falando que as minha coisa eu crio só noite... ai eu vou fazer isso e Graças a Deus tudo o que eu faço pega mermo e... pessoal gosta mermo (ARTESÃ 02).

Castoriadis (2015) a capacidade da psique humana de criar imagens, não a partir de um choque, mas a partir de nada. A imaginação é o que exprime a espontaneidade profunda e representativa, a imaginação criadora. Vendo de maneira absolutamente normal no que lhe é apresentado biologicamente, algo inteiramente diferente.

Esta força criativa move as artesãs, imprimindo em seus trabalhos o saber tradicional e inovador. Com a dinâmica própria, estas artesãs aliam criação, arte e cultura associadas à propriedade intelectual (MIRSHAWKA, 2016). A própria cidade e seu teor folclórico vêm a motivar o desenvolvimento e idealizações de peças com o cariz paritinenense.

A gente se inspira mesmo na cultura da cidade né, que é o boi que tem tudo haver com o artesanato, então é uma inspiração, as vezes quando a gente quer se inspirar em alguma coisa, pega uma revista de boi, de alguma coisa e vai olhando, aí tu vai pro

interior assim, olha o interior, tem tanta coisa que a gente pode usar, que ele não sabe fazer, mas a gente sabe né, aí a gente traz casca favo, alguma coisa assim, que é muito legal. (ARTESÃ 03)

A visão destas artesãs, nas suas diversas composições, enquanto mãe, trabalhadora, mulher é o ponto chave na compreensão do seu ser inter-trans-relacional, que tem sua manutenção na produção artesanal, familiar e feminina, como elucidado a seguir nas falas das entrevistadas.

AAh!! Como uma mulher, como mãe, eu sou muito feliz graças a Deus tenho uma família... agradeço toda a noite por ter uma família abençoada. Gracias a Deus não tive nenhum problema com nenhum filho meu e... assim, na parte do artesanato eu sou muito feliz por aquilo que eu faço, adoro fazer artesanato, acho que eu não sabia... eu acho assim, que tudo Deus tem um proposito sabe pra ti, porque eu não consigo imaginar, não trabalhando... o que que ia fazer se eu não trabalhasse com o artesanato, eu sei que ia ter outra coisa pra fazer, mas o artesanato é minha vida olha (ARTESÃ 02).

Eu sempre digo que é o que eu gosto de fazer né, eu digo, se tem alguma coisa que papai deixou de bom pra gente, que a gente herdou dele foi isso... O artesanato, essa técnica que a gente tem de trabalhar artesanato (ARTESÃ 01).

Estas mulheres não se veem sem o fazer artesanal, é a parte e o todo em seu ser (MORIN, 2010). A relação primordial em seus cotidianos se dá por meio de seus diversos afazeres, ainda que as ordens, desordens sejam constantes em suas vivências, a reorganização é mola promotora para sua manutenção no ambiente.

É... não é fácil conciliar as coisa não, a gente tem que ter muito jogo de cintura. As vezes é... de vez em quando alguém chega pra mim e pergunta: como é que tu consegue?... Mas olha, sabe que eu gosto assim, eu gosto quando eu to ocupada, eu gosto tenho trabalho pra mim fazer, eu não gosto quando eu to assim sabe, quando não tem nada, não tem uma encomenda sabe, támo fazendo as coisa só pra produzir mermo, pra ter, pra guardar ali... eu gosto quando a pessoa chega, olha eu quero tantas coisa, eu quero uma blusa assim, e quero outra que fique... eu fico naquela correria, que corre pra cá e compra material, sabe, senta e trabalha, aí precisa ir na costureira, precisa ir... sabe, eu acho legal assim... eu gosto desse agito, eu não gosto de tá parada (ARTESÃ 01).

Portanto, o ápice de sua *autopoiese*, sua realização enquanto ser bio-psico-social se dá no desenvolvimento de seus artesanatos, na expressão de suas subjetividades saberes, tradições e caracteres inerentes a sua composição. No ambiente, o ser artesã é sistema auto-sustentado, em interação contínua, religando-se e gerando sua auto-produção (MOIGNE, 2015).

Frente aos empecilhos emanados do dia-a-dia, o artesanato veio como porta para promover autonomia e sustento econômico das mulheres e suas famílias, demonstrando força na continuidade e luta pelo negócio empreendedor. No momento em que produz o artesanato, produz sua conservação e de sua parentela, sem desconexão entre estes.

Eu acho que é superação, guerreira mermo, porque... Meu Deus, do jeito que eu vivi assim antes... Problema muito difícil mermo, ai tu passar por cima, tu criar teus filho e hoje eles estão bem porque tu não caiu, tu não deixou a peteca cair entendeu, pra mim é grande superação (ARTESÃ 03).

Como eu posso definir... uma pessoa... deixa eu ver uma palavra, pera aí... acho que... eu como muitas mulheres, não digo só por mim, batalham mais que um guerreiro, uma guerreira porque você nem que digamos, você não é o vencedor! A batalha sempre continua né! E o guerreiro é esse né, que ele nunca é um vencedor, ele é um batalhador! A batalha continua né! Tanto ele vencendo a batalha ou não, vai continuar né, e eu acho que como mulheres é isso (...)uma pessoa batalhador mermo, batalhadora, guerreira mermo que... eu vou a fundo daquilo que eu gosto, daquilo que eu quero! Família com o meu trabalho, procuro conciliar os dois, eu costumo dizer que a minha família são as coisa mais importante, mais valioso que eu tenho, depois vem o meu trabalho! (ARTESÃ 04).

A definição que ambas vêm de suas vivências é sintetizada na tríade mulher – mãe – artesã, o contínuo vir-á-ser é intrínseco a estes âmbitos. As artesãs empreendedoras agregam o teor econômico, político, cultural, social e ambiental em seu ser, constituindo um sistema autopoietico, presente e pertencente ao contexto destas dimensões.

Então eu me defino assim como uma mulher empreendedora sabe, uma pessoa que chega em qualquer lugar, teu orgulho do que eu faço, amo o que eu faço, vivo, minha vida é o artesanato, me orgulho muito disso então... De ter o dinheiro pra comprar o almoço, a janta, comprar uma comida pra um mês, tirar mil e pouco reais pra contar um remédio sabe, de como não ter o que almoçar porque tem que comprar o remédio da filha, isso pra mim é uma grande benção porque a minha filha tá ali sabe, então eu me sinto privilegiada por Deus, eu me sinto uma artesã mesmo, uma artesã que hoje em dia está bem, cresceu com dinheiro de artesanato. Então eu me sinto uma artesã empreendedora sabe. Uma imperatriz! (ARTESÃ 05).

A conciliação do trabalho e família, empreendedorismo, artesanato, cuidados tradicionais, manutenção das relações, repasse dos saberes são algumas estratégias dentro do leque de escolhas diárias que estas mulheres desenvolvem para conservação de sua vida. A compreensão de sua composição vai para além de uma trabalhadora, mãe ou companheira. Mas perpassa todos esses caracteres, uma junção do todo, constituindo o ser feminino complexo e autopoietico.

Neste sentido, a dinamicidade do cotidiano destas mulheres é ponte para conservar suas recriações artesanais, relações familiares, conjugais e laborais. Compreende-se que suas estratégias são respostas as desordens emergentes, configurando suas reorganizações sustentáveis com o ambiente, constantemente em profundas transformações, num contínuo vir-à-ser, indicando novos caminhos para a produção artesanal e fortalecimento de suas práticas como artesãs, mães e mulheres.

3. CONCLUSÕES OU RECOMENDAÇÕES

As discussões e reflexões proporcionadas pelos aportes bibliográficos e exploratórios nesta pesquisa foram essenciais para compreender as discussões basilares sobre políticas públicas, empreendedorismo, artesanato e *autopoiese* de mulheres empreendedoras do município de Parintins. Estas abordagens teóricas foram essenciais para a construção das fases seguintes deste estudo.

O empreendedorismo vem sendo uma via de negócios que oportuniza o crescimento econômico, no artesanato suas ações se potencializam, gerando trabalho e renda para diversas famílias, acoplando potenciais para desenvolvimento da Economia Criativa neste eixo. A presença de políticas públicas no país neste âmbito é crescente, porém a sua ampliação, por meio de empresas responsáveis pelo apoio e fomento empreendedor, tem sido deficitária em alguns aspectos.

As políticas e suas ações são presentes ao empreendedorismo, mas especificamente ao Artesanato de Mulheres não há propostas onde se englobe as reais necessidades e peculiaridades destas empreendedoras. A sobrecarga de atividades, a dependência financeira deste ramo, insumos e processos caminham diferenciadas nesta classe, em relação aos demais ofícios.

A viabilidade destes programas deve ser repensada no intuito de proliferar as informações acessíveis para toda a classe de artesãos no município, para que possam ser fortalecidos os laços no crescimento econômico da cidade em conjunto a compreensão da diversidade de aspectos de renda, organização produtiva, familiar e social presentes na região amazonense.

A valorização econômica, laboral e regional do artesanato deve ser repensada pelos órgãos culturais, estado e município, para que se conservem estes ofícios pujantes na população. O valor imaterial e intangível destes produtos tende a valorizar as potencialidades rumo a idealização de Parintins enquanto cidade criativa.

Neste sentido é mister o desenvolvimento de uma rede de colaboração entre as agências e órgãos presentes no município, como SEBRAE, AFEAM, Secretaria Municipal de Cultura e Turismo e AMIC, afim de desenvolver pesquisas e estratégias no fomento das atividades e empreendimentos artesanais, possibilitando manter a comercialização durante todos os períodos do ano, sobretudo das produções de mulheres.

Concernente à cadeia produtiva destas artesãs, são construídas em bases essencialmente familiares e fazer essencialmente manual. Faz-se necessário pensar a inserção destas mulheres num sistema de cooperação artesanal, onde ideias e formas mais eficazes de produção podem ser construídas em conjunto.

A partir deste sistema produtivo, podem-se elaborar estratégias para robustecer a produção das mulheres, tendo como resultados a diminuição nos custos e logística dos insumos, idealização de locais próprios para armazenamento e estocagem dos materiais, ampliação da reciclagem e reaproveitamento, controle de qualidade das peças e inserção de design/marketing de seus produtos, além de possibilidades na concessão de incentivos, por meio de projetos governamentais e privados, direcionados a grupos e associações produtivas.

O artesanato, ainda que percebido como trabalho rústico vem sendo redesenhado a partir do labor feminino, o caráter cultural e sustentável que suas práticas detêm é de valor inestimável.

Deve-se reconhecer o aspecto produtivo e recriador destas artesãs, suas formas de produção e organização artesanal e familiar, pois tem por fim a manutenção e conservação de seu viver e do seu grupo, frente às transformações e fenômenos diários vivenciados em seus ambientes.

As dificuldades econômicas em determinados momentos, a sazonalidade nas vendas, custos elevados na obtenção das matérias-primas, ausência de ateliês e locais de armazenamento, fragilidade das políticas empreendedoras ao artesanato e saúde, doenças ocupacionais, dificuldade no repasse dos saberes, dentre outros empecilhos presentes no cotidiano destas mulheres são enfrentados por meio de diversas estratégias evidenciadas nesta pesquisa.

Estas estratégias, ainda que promovam a manutenção sustentável momentânea destas artesãs, são sinônimos de precarização das políticas públicas como de saúde, empreendedorismo, cultura, dentre tantos outros direitos sociais inerentes à bem estar do ser e efetivação de sua cidadania.

Frente aos momentos de ordem e desordem, surgem estratégias transformadoras à estas artesãs, levando a reorganização de sua vida, a *autopoiese* é mantida constantemente, em interação direta com o ambiente, enfrentando desafios e desigualdades em sociedade. A conservação do viver destas mulheres é sustentada pela inter-relação do ser mulher, ser mãe e, sobretudo do ser artesã.

4. REFERÊNCIAS

Agencia de Fomento do Estado do Amazonas - AFEAM. Banco do Povo. Disponível em: <<http://www.afeam.am.gov.br/institucional/institucional/>> Acesso em: 23 de Outubro de 2016.

AMOROZO, Maria Cristina de Mello; VIERTLER, Rente Brigitte. A abordagem qualitativa na coleta de dados em etnobiologia e etnoecologia. In: ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino; LUCENA, Reinaldo Farias Paiva; CUNHA, Luiz Vital Fernandes Cruz. Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. Recife, PE: NUPPEA, 2010.

ANDRADE, Francisco Alcyclei Nascimento. **Artesão e o artesanato em madeira no município de parintins sob a ótica da sustentabilidade**. 2015. Dissertação Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna**: do iluminismo aos movimentos contemporâneos. Tradução Denise Bottmann, Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. xxiv, 709 p., il. color.

AZEVEDO, Laura Rosa Kluger de. **Relacionado Auto-Organização e Autopieise**. Revista Simbio-Logias, V.6, n.8, Nov. 2013.

BOBBIO, Noberto(org.). **Dicionário de Política**. Brasília: Universidade de Brasília, 11º ed., 1998.

BOTELHO, Antônio José Lopes. **Revisão do Planejamento Estratégico da Suframa**: Relatório Final de Consultoria. Resumo Estendido. Manaus: Projeto Arara, 2008.

BRASIL, Lei nº 8.742. **Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS)**. Brasília: DF, 7 de dezembro de 1993.

BRASIL. Política Nacional de Assistência Social - PNAS. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. Brasília, 2004.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988.

BRASIL. MDIC. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio. **Programa do Artesanato Brasileiro**. MDIC, 2008. Disponível em: http://www.desenvolvimento.gov.br/portalmDIC/arquivos/dwnl_1255094473.pdf

BRASIL. **Prestação de Contas Ordinária Anual**: Relatório de Gestão do Exercício de 2011. Brasília: SETEC/MEC, 2012.

CANCLINE, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. Editora Brasiliense: México, 1982.

CANDATEN, D. M.; ZANATTA, J. M.; TREVISAN, J. K. D. **MULHERES EMPREENDEDORAS**: Os desafios para equilibrar a vida pessoal e profissional. IX Encontro de Estudos sobre empreendedorismo e gestão de pequenas empresas. Passo Fundo-RS, 2016.

CARVALHO, Edgard de Assis. **Complexidade e Ética Planetária**. In: PENA-VEGA, Alfredo Pena & ALMEIDA, Elimar Pinheiro de. O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

CASTELLO BRANCO, Tânia Santos. **As artesãs manauaras da feira de artesanato do centro de Manaus**: a hora da família e a vez do trabalho. 2011. 83 f. Dissertação (mestrado)– Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CASTRO, A. M. G; CRISTO, C. M.; LIMA, S.M.V. **Cadeia Produtiva**: Marco Conceitual para apoiar a Prospecção Tecnológica. Anais... In: Simpósio de Gestão e Inovação Tecnológica. Salvador, 2002.

CASTRO, A. M. G; CRISTO, C. M.; LIMA, S. M. V. **Cadeia Produtiva**: Marco Conceitual para apoiar a Prospecção Tecnológica. Anais. In: Simpósio de Gestão e Inovação Tecnológica. Salvador, 2002.

CSTORIADIS, Cornelius. **Para si e subjetividade**. In: PENA-VEGA, Alfredo Pena & ALMEIDA, Elimar Pinheiro de. O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

DIAS, Reinaldo; MATOS, Fernanda. **Políticas Públicas** – Princípios, Propósitos e Processos. São Paulo: Atlas, 2012.

DOLABELA, Fernando. **O segredo de Luiza**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

DONDIS, Donis A. **A sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo**: Transformando ideias em negócios. 4.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

ENDEAVOR. **Índice de Cidades Empreendedoras**. Disponível em: <<https://endeavor.org.br/importancia-indice-de-cidades-empreendedoras/>>. Acesso em: 31 de outubro de 2016.

FARINA, E M. **Competitividade e Coordenação de sistemas Agroindustriais**: a base conceitual. In: JANK, M.S; FARINA, E.M; GALAN, V.B. O Agribusiness do Leite no Brasil. São Paulo: PENSA, 1999.

FERREIRA, A. L. C. & FILHO, E. R. **Desenvolvimento de produtos para a produção artesanal**. XXIV Encontro Nac. de Eng. de Produção - Florianópolis, SC, Brasil, 2004.

FERREIRA, Thaís Barbosa, et al. **Artesanato, Aprendizagem Social e Comunidade de Prática**: um estudo com rendeiras em Alcaçuz (RN). XXXVIII Encontro da Anpadd. Rio de Janeiro – RJ. 2014.

FIRJAN, Nota Técnica. **A cadeia da indústria criativa no brasil**. Out. 2011. Disponível em: < www.firjan.org.br/economia>.

FRAGATA, R.; CASTRO, M.; SILVA, S. **Cadeia Produtiva do Artesanato**: Uma abordagem sobre a importância da atividade como agente de desenvolvimento econômico local. Congresso Internacional de Administração, Natal – RN. 2016.

GOMES, A. G. & CARLOTO, C. M. **Geração de renda para mulheres e divisão sexual do trabalho**: Limites ao trabalho feminino. III SEMINÁRIO NACIONAL DE TRABALHO E GÊNERO. Sessão Temática. 2010.

GULLAR, F. **O artesanato e a crise da arte**. Revista de Cultura e Vozes, s.n, v. 88, n. 4, p. 7-12, Petrópolis, 1994.

HASENCLEVER, L. & KUPFER, D. **ORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL**. Ed. Campus, 2002.

HOWKINS, John. **The creative economy**. The Penguin Books, London, 2004.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br> Acesso em: 02/07/17.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

LIMA, M. V.; CASTRO, M. A. M; SILVA, S. H.; BANDEIRA, W. L. **Economia Criativa**. In SILVA, S. H (Org). Amazonas Indígena Criativa: Incubadora de Economia Criativa. Editora Moderna: Manaus, 2016.

LIMA, R. G. **Artesanato e arte popular**: duas faces de uma mesma moeda? CNFCP, 2007. Disponível em: http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Artesanato/Artesanato_e_Arte_Pop/CNFCP_Artesanato_Arte_Popular_Gomes_Lima.pdf.

MASCÊNE, Durcelice; TEDESCHI, Mauricio. Termo de referência: atuação do Sistema SEBRAE no artesanato. Brasília: SEBRAE, 2010.

MATURANA, Humberto; YÁÑES, Ximena Dávila. **Habitar Humano: em seis ensaios de biologia-cultural**. São Paulo. Palas Athena, 2009.

MEDEIROS, Alexsandro. Portal Consciência Política: **Políticas públicas**. Disponível em<<http://www.portalconscienciapolitica.com.br/ci%C3%Aancia-politica/politicas-publicas/>>. Acesso em: 19 de outubro de 2016.

MOIGNE, Jean Louis Le. **Inteligência da Complexidade**. In: PENA-VEGA, Alfredo & ALMEIDA, Elimar Pinheiro de. O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. 13ª Edição. Rio de Janeiro: Bertrand, 2010.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento Complexo**. Trad. Eliane Lisboa. 5ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIN, Edgar. **Por uma reforma do Pensamento**. In: PENA-VEGA, Alfredo Pena & ALMEIDA, Elimar Pinheiro de. O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

OLIVEIRA, Madson Luis Gomes de. **Bordado como assinatura: tradição e inovação do artesanato na comunidade de Barateiro – Itapajé/CE** / Madson Luis Gomes de Oliveira ; orientadora: Denise B. Portinari. – Rio de Janeiro : PUC, Departamento de Artes e Design, 2006.

PADERES, Adriana Marques. et al. **Teoria da Complexidade: Percursos e Desafios para a Pesquisa em Educação**. Revista de Educação, Revista de Educação. Campinas, vol. 8, n. 8, 2005. Disponível em : <<http://www.pgsskroton.com.br>>. Acessado em: 10 de junho de 2017.

PERALTA, Juan Ahumada. **Desarrollo del Sector Artesanal**. In: VERGARA, Patrício. Desenvolvimento Econômico Territorial e Emprego-Documento de Base: II Seminário Internacional DETE. Fortaleza: DETEALC, 2005. p. 211-227.

PLANO DA SECRETARIA DA ECONOMIA CRIATIVA: políticas, diretrizes e ações, 2011 – 2014. Brasília: Ministério da Cultura, 2011.

RAVASI, D; RINDONA, V. **Symbolic Value Creation**. In: The Sage Handbook of New Approaches in Management and Organization. London: Sage, 2008.

REIS, Ana C. F.; De MARCO, Kátia (organizadoras). **Economia da Cultura: ideias e vivências**. Rio de Janeiro: Publit, 2009.

REIS, Ana Carla Fonseca(Org.). **Economia criativa como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento**. São Paulo: Itaú Cultural, 2008.

ROGER, Emilio. **Uma antropologia complexa para o século XXI**. In: PENA-VEGA, Alfredo Pena & ALMEIDA, Elimar Pinheiro de. O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

SANTOS, Silvana Sidney Costa; HAMMERSCHMIDT, Karina Silveira de Almeida. **A complexidade e a religação de saberes interdisciplinares: contribuição do pensamento de Edgar Morin**. Revista Brasileira de Enfermagem – REBEN, Brasília, vol. 65, n.4, p. 561-5, jul./ago. 2012.

SANTOS, T.; NASCIMENTO, J.; BORGES, G.; MORAES, A.; TEIXEIRA, E. **O Artesanato como elemento impulsionador no Desenvolvimento Local**. VII SEGeT – Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia – 2010.

SECCHI, Leonardo. Políticas Públicas: conceitos, esquemas de análises, casos práticos. São Paulo: CENGAGE Learning, 2012.

SECRETARIA DE TRABALHO DO ESTADO – SETRAB. Institucional. Disponível em: <<http://www.setrab.am.gov.br/institucional/>>. Acesso em: 26 de outubro de 2016.

SELMANY, Y. **Analysedes flux physique de bois à l'interieur de lafilière-bois**. Nancy: ENGREF, 1983. 200p

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE. Sebrae no Amazonas. Disponível em: <www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/am/quem_somos?codUf=4>. Acesso em: 20 de Outubro de 2016.

SILVA, Sandra Helena da. **Autopoiese nos Agroecossistemas das Ilhas de Valha-me-Deus e Chaves – Juruti/ PA**. 2015. 237f. Tese (Doutorado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus. 2015.

SOUTO, Francisco José Bezerra. **A imagem que fala**. O uso da fotografia em trabalho etnoecológicos. ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino; LUCENA, Reinaldo Farias Paiva; CUNHA, Luiz Vital Fernandes Cruz. Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. Recife, PE: NUPPEA, 2010.

SOUZA, Celine. **Políticas Públicas**: uma revisão da literatura. Sociologias, Porto Alegre, ano 8, n. 16, jul/dez 2006, p. 20-45.

SOUZA, Paulo Augusto Ramalho de. et al. **O serviço de logística de distribuição do interior do Amazonas**. Revista Eletrônica de Administração (Online), v. 10, n.2, edição 19, jul-dez. 2011.

TORRES, Iraildes Caldas. **As novas Amazôniaidas**. Manaus: Edua, 2005.

TORRES, Iraildes Caldas. **O Ethos das Mulheres da Floresta**. Manaus: Editora Valer/Fapeam, 2012.

VIVES, V. de. **“A beleza do cotidiano”**. In: RIBEIRO, Berta et al. O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: FUNARTE / Instituto Nacional do Folclore, 1983.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3ª Edição. Porto Alegre: Bookman, 2005.

5. AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, que nunca me abandonou em todos os momentos de minha vida, sobretudo durante minhas dúvidas e estudos deste projeto. Até aqui, o Senhor nos ajudou! E pela intercessão de Maria, mãe fiel e amorosa!

À Fundação de Amparo a Pesquisa no Amazonas, por viabilizar os custos para o desenvolvimento desta pesquisa.

À família, em especial minha mãe Telma Simas, mulher guerreira, fiel e amorosa, melhor inspiração para desenvolver estudos sobre demais mulheres e suas batalhas, á ela todo meu amor, luta e gratidão. A minha irmã Tellian Prestes, pelo apoio, carinho e sustos que dava nesta, pelas madrugadas em claro, és moça de garra e fé. In memorian á Allan Godinho Prestes, meu pai, pelos ensinamentos e amor dedicados a mim, saudades! A meu namorado Kazuohiro, por toda paciência, atenção e companheirismo em minhas lutas na compreensão de discussões teóricas e pesquisa de campo, sua força e amor foram vetores essenciais para que eu chegasse até aqui.

À minha orientadora Dra. Sandra Helena da Silva, por todas as questões levantadas, dúvidas esclarecidas, livros emprestados, agonias acalmadas e discussões produtivas. És mulher que emana paz e felicidade, me fazendo crer que as desordens são para crescimento e fortalecimento do ser, suas lições levarei para além da vida acadêmica.

À minha companheira de Iniciação Científica Viviane Linhares, por compartilhar tantas dúvidas, debate em torno da pesquisa, preocupações, alegrias e, sobretudo, fé! Sua perseverança me inspirava a relembrar que tudo sempre esteve nos plano dEle, pois Deus é Pai e não padrasto.

À meus amigos, em especial Julyana, Emile, Iamyle, Loiana, Daniel, William, Marinho, Gomes, Marlon e Karina por toda amizade, momentos de alegria e forças compartilhadas! Aos demais amigos, colegas e professores do Curso de Serviço Social, pelo repasse de experiências e conhecimentos imprescindíveis no desenvolvimento de minhas reflexões teóricas, e a Universidade Federal do Amazonas, por bases acadêmicas e formação profissional repassada no transcorrer da graduação.

Ao Observatório de Violência de Gênero - OVGAM, pela acolhida e impulso referente às discussões sobre mulheres, me encaminhando a dar os passos iniciais na pesquisa da vida e cotidiano destas guerreiras amazônidas.

À Incubadora Amazonas Indígena Criativa – AMIC, por todo apoio técnico, aportes e pesquisas desenvolvidas sobre empreendimentos criativos. A sua equipe, pelo carinho e acolhimento em suas dependências.

Às artesãs participantes desta pesquisa, por terem me recebido e acolhido em suas casas, ambientes de comercialização e produção. Seus artesanatos, histórias de vida, famílias e lutas diárias reforçam o quanto são guerreiras, na superação de tantas dificuldades dedicando suas vidas a esta arte. Por amor perseveram, e cotidianamente, por amor se reconstroem!